

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

CRISTIANISMO

A RELIGIÃO DO HOMEM


EDifêC

Mário Ferreira dos Santos, filósofo humanizante, buscou reconciliar a Filosofia com a religião cristã, representando Cristo como o Bem Verdadeiro.

Neste *Cristianismo: a religião do homem*, desenvolve uma Axioantropologia fundada na melhor Filosofia clássica e tomista, ao descrever os homens diversos das pedras, das plantas e dos animais (§ 10), como obras de nós mesmos (§ 21), pois temos uma oréxis (§ 29) que nos impele ao Supremo Bem (§ 33), oréxis que é um dever-ser com direitos e obrigações (§ 50), implica em Justiça (§ 54), valores humanos (§ 58), Ética e Moral (§ 60), fundados em virtudes cardeais (§ 76), e cultivo das virtudes como dever-ser ético do Homem (§ 80).

Destas premissas retira o saudoso Mestre as conclusões do título: a partir da miséria humana, encontrará o homem sua salvação (§ 97s), porque guarda em si a trindade da Vontade, Inteligência e Amor (§ 104), que lhe permite religar-se a Deus, pois “esta é a vossa religião, porque ela está em vós” (§ 120), concluindo com palavras de Cristo, “eu sou o ápice da pirâmide” (§ 135).

Dos últimos escritos do ilustre filósofo paulista, *Cristianismo* expressa a síntese de seu filosofar clássico, com fortes traços teológicos, ao estilo tomista de apresentação de teses ou proposições enlaçando Razão e Fé.

Cristianismo: a religião
do homem



Editora da Universidade do Sagrado Coração

Rua Irmã Arminda, 10-50
CEP 17011-160 - Bauru - SP
Fone (14) 235-7111 - Fax (14) 235-7219
e-mail: edusc@edusc.com.br

S2378c Santos, Mário Ferreira dos.

Cristianismo : a religião do homem / Mário Ferreira dos Santos. - Bauru, SP : EDUSC, 2003.

138 p.; 21 cm. — (Coleção Plural)

ISBN 85-7460-190-X

1. Cristianismo. I. Título. II. Série.

CDD 261

Copyright© EDUSC, 2003

Sumário

7 Apresentação

Capítulo I

23 Cristianismo: a religião do homem

Capítulo II

65 Cristianismo: a religião do homem

Apresentação

“Por que reler Mário Ferreira dos Santos hoje?”

Autor de uma Enciclopédia de Ciências Filosóficas e Sociais, com mais de 35 títulos; traduziu diretamente do grego, do latim, do alemão e do francês obras do Platão, Aristóteles, Pitágoras, Nietzsche, Kant, Pascal, Santo Tomás, Duns Scott, Amiel, Walt Whitman, incursionando sobre todos os temas da filosofia clássica, escolástica, tomista, moderna e contemporânea; ainda dissertou sobre oratória e retórica, lógica e dialética, além de escrever ensaios e romances, muitos sob pseudônimos diversos.

Estudando e lecionando silenciosamente por mais de 30 anos, desenvolveu um método particular de pesquisa, a decadalética, e criou uma filosofia própria, a *Filosofia Positiva e Concreta*, que divulgou largamente em sucessivas edições de suas obras, por intermédio de editoras que constituiu e dirigiu pessoalmente, a Livraria e Editora Logos e a Editora Matese.

Quem foi este filósofo?

Em autobiografia publicada postumamente em *Rumos da filosofia atual no Brasil*,¹ conta que nasceu a 3 de janeiro de 1907, em Tietê, São Paulo, mas foi educado em Pelotas, Rio Grande do Sul, estudando Direito em Porto Alegre, onde se formou em 1930.

Escrevia em jornais de Pelotas e no “Diário de Notícias” e “Correio do Povo”, daquela capital, e como jornalista participou da revolução de 30, mas por seu caráter independente e liberal conheceu a prisão pelas críticas ao novo regime.

Durante a Segunda Guerra, analisou em dezenas de artigos os episódios da conflagração, posteriormente reunidos nos livros *Páginas várias*, *Certas sutilezas humanas*, *A luta dos contrários* e *Assim Deus falou aos homens*.

Nessa época já traduzira Nietzsche (*Vontade de potência*, *Além do bem e do mal*, *Aurora*, e *Assim falava Zaratrusta*);¹ Pascal (*Os pensamentos* e *Cartas provinciais*);¹ Amiel (*Diário íntimo*);¹ e Balzac.⁵

Sentindo restrito aquele círculo cultural, transferiu-se para São Paulo, em 1944, a fim de publicar seus estudos.

1. SANTOS, Mário Ferreira dos. *Meu filosofar positivo e concreto*. In: LADUSANS, S. (Org.). *Rumos da filosofia atual no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1976. v. 1, p. 407-427.

2. NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de potência*, Porto Alegre: Globo, 1945; Id., *Além do bem e do mal*. São Paulo: Sagitário, 1946; Id., *Aurora*, São Paulo: Sagitário, 1947; Id., *Assim falava Zaratrusta*, São Paulo: Logos, 1954.

3. Editora Flama, 1945.

4. Editora Globo.

5. *A fisiologia do casamento*.

Sob o pseudônimo de Dan Andersen, editou o primeiro ensaio filosófico, *Se a esfinge falasse*,⁶ e ainda traduziu as notáveis obras *Saudação ao mundo*, de Walt Whitman; *Adolphe*, de Benjamin Constant; *Hermann e Dorotea*, de Goethe; e *Histórias de Natal*.⁷

O que ele disse de si mesmo

Que filósofo “sui generis” foi este que tinha uma vida intelectual livre e independente, que fugia da vida política e das rodas literárias, e que viveu exclusivamente de sua advocacia, do magistério particular e como empresário editorial?

“Nunca ocupei, escreveu ele, nenhum cargo em nenhuma escola, por princípio. Deliberei, desde os primeiros anos, tomar uma atitude que consiste em nunca disputar cargos que podem ser ocupados por outros. Sempre decidi criar o meu próprio cargo, a minha própria posição e situação, sem ter de ocupar o lugar que possa caber a outro... Eis por que não disputo, nunca disputei nem disputarei qualquer posição que possa ser ocupada por quem quer que seja.”⁸

Com seu trabalho demonstrou ser possível escrever filosofia para o grande público, principalmente o brasileiro, enfrentando o preconceito sobre obras que não fossem estrangeiras, contra o que sempre se bateu, procurando afirmar nossa independência e capacidade para desenvolvimento de uma inteligência filosófica nacional.⁹

6. Editora Sagitário, 1946.

7. Editora Flama, 1945.

8. *Rumos da filosofia atual no Brasil*, p. 410.

9. *Ibid.*, p. 409; *Filosofia concreta*. São Paulo: Logos, 1957.

p. 11-12.

Entendeu que “somos um povo apto para uma Filosofia de caráter ecumênico, uma Filosofia que corresponda ao verdadeiro sentido com que foi criada desde o início”, a posição pitagórica, de ser “amante da sabedoria (sophia), da suprema Sabedoria, que cointuímos com a própria Divindade. Este afã de alcançá-la, os esforços para atingi-la, os caminhos que percorremos para obter essa suprema instrução (daí chamá-la de ‘Mathesis Megiste’, que é a suprema instrução), todo esse afanar é propriamente a Filosofia”.¹⁰

Essa foi sua grande luta, como disse: “não podemos permanecer na situação de ser um povo que recebe todas as idéias vindas de todas as partes, que não possa encontrar um caminho para si mesmo; temos de criar este caminho... Sem esta visão positiva e concreta da Filosofia não será possível dar solução aos inúmeros problemas vitais brasileiros da atualidade, porque a heterogeneidade de idéias e posições facilita a de soluções, das quais muitas não são adequadas às necessidades do Brasil”.¹¹

Que é a sua Filosofia Concreta?

Concebia o mundo segundo uma filosofia que pretende não separar o homem das realidades que ele abstrai (pela “via abstractiva” do filosofar), mas devolvê-lo à realidade que o cerca e à qual se integra (pela “via concretiva”).

Fundamentou essa filosofia em juízos apodícticos, universalmente válidos para todas as ciências, e não em juízos asser-tóricos, válidos particularmente apenas para alguns.

10. Ibid., p. 415.

11. Ibid., p. 416.

a. “Alguma coisa há”

Partindo dessa proposição, desenvolveu suas teses defendendo e demonstrando afirmações positivas de todas as filosofias, e refutando erros de outras, sem lhes destruir o positivo.

Respondendo, por exemplo, à pergunta heideggeriana “Por que antes o ser do que o nada?”, ensina: o por quê não procede, pois se em vez do ser fosse o nada, não haveria por quê, pois o nada não teria uma razão de ser em si mesmo. Há o ser e este não tem *por quê*. Caberia a colocação de um por quê, de um para quê, de um qual a razão, de qual o motivo, se houvesse um antes do ser que pudesse ser interrogado. Mas o ser infinito é eterno, e não cabe perguntar por um antes, porque não há um antes. A pergunta é descabida de positividade; é uma pseudo-pergunta.

E arremata: “Repetimos: ela tem o seu fundamento apenas na acosmia, no desejo de não ser isto que esta aí, na decepção ante o desenvolvimento histórico que gera o esquema de tender para o não ser. Eis o que leva alguns a exclamar perguntando: por que não antes o nada do que o ser?”¹²

b. “A Filosofia só é válida quando concreta”

Explica melhor o grande pensador sua filosofia como aquela “dialeticamente construída, sem esquecer o que une, o que está incluso, o que exige para ser, o que implica, o que, enfim, se correlaciona, se entrosa e se assemelha”.

“Costuma-se considerar como pensamento concreto, esclarece, aquele que não esquece de meditar com as representações e os conteúdos fácticos, que são dados pela intuição

12. *Filosofia concreta*, Tese 251, p. 277.

sensível. A Filosofia Concreta tem assim a sua justificação. E ademais parte de uma consideração importante. Não há rupturas no ser; conseqüentemente tudo está integrado no Todo, que o é pela dependência absoluta que o cinge ao Ser infinito e absoluto. A análise jamais deve esquecer este ponto importante, e eis por que o verdadeiro dever do filósofo concreto é jamais desdenhar (ao contrário, obstinar-se em procurar) o nexó de concreção, o que une, o que liga, o que conexiona.”¹³

c. A procura do método mais hábil

Em outra tese, o mestre filósofo demonstra que “... como a verdadeira e absoluta ciência de todo o ser já está contido no próprio ser, há de haver, indubitavelmente, um caminho mais hábil para ser alcançado pelo homem que outros. Se uns são mais hábeis que outros, há de haver um que será o mais hábil”.

Revela que “em todos os tempos se considerou que o ponto de partida deve ser um ponto arquimédico, apodítico, de validez universal. Propusemos um que é de validez universal (“alguma coisa há”), sobre o qual não pode pairar nenhuma dúvida séria, pois ultrapassa até a esquemática humana. Conseqüentemente, a análise dessa proposição apodítica revela-se como um caminho hábil. E como não conhecemos outro melhor, propomo-lo como o mais hábil até prova em contrário”.¹⁴

13. Ibid., Tese 253, p. 281.

14. Ibid., Tese 257, p. 283.

d. Filosofar é ação

Nessa original obra, que é uma síntese do seu pensamento, Mário Ferreira dos Santos em sua última tese encerra toda a grandiosidade de seu pensar, e revela os mais altos anseios espirituais do filósofo: “A Filosofia é ação; é o afanar-se para alcançar a ‘Mathesis suprema’. Se essa é ou não alcançável pelo homem, este, como um viandante (homo viator), deve buscá-la sempre, até quando lhe paire a dúvida, de certo modo bem fundada, de que ela não lhe está totalmente ao alcance. Esse afanar-se acompanhará sempre o homem, e estabelecido um ponto sólido de esteio, devemos esperar por melhores frutos”.¹⁵

Como entendia a Sociologia e a Ética

Para o filósofo patricio, a sociologia é uma ciência ética, pois não apenas descreve as relações humanas, mas também o dever-ser dessas relações, e, por isso, a questão social é tratada eticamente em sua obra *Sociologia fundamental e Ética fundamental*.

Distinguindo a Moral como o estudo dos costumes, da variante e das relações humanas, e a Ética como revelação filosófica das normas invariantes, eternas, que informam o dever-ser do homem, aponta a confusão provocada por “todo abstractismo moderno, que visualiza o mundo ou do ângulo físico-químico ou do biológico, como procedem materialistas mecanicistas e os biólogos, ou então do ângulo psicológico como psicólogos, ou do ângulo ecológico como ecologistas,

15. Ibid., Tese 258, p. 284.

ou do ângulo histórico-social como historicistas, ou do ângulo econômico como materialistas históricos, etc., todos eles descuraram do seu verdadeiro sentido, pois confundiram a Ética com a Moral, emprestando àquela as características variantes que esta última apresenta”.¹⁶

Mário e o Ateísmo

a. Cuidados com a juventude

Verdadeiro mestre, sempre revelou uma preocupação especial em relação aos jovens, ora advertindo-os, ora exortando-os, ora os conclamando para tomadas de posições enérgicas sobretudo contra os negativismos oferecidos por filosofias hodiernas.

Via a juventude brasileira como o mais grave de nossos problemas, por formarem os jovens a quase totalidade do país; e lançando verdadeiro programa educacional, dizia: “devemos erguer as massas populares até a Filosofia, através de um desenvolvimento da cultura nacional, que tenda à Filosofia Positiva e não à Filosofia negativista e niilista que penetra em nossas escolas.”¹⁷

Por isso, enfatizou, “devemos orientar a juventude para ser construtiva, que receba uma sabedoria clara, positiva, concreta, de modo a imunizá-la contra as tendências niilistas”.¹⁸

16. 1. ed. São Paulo: Logos, 1957. p. 12.

17. *Rumos da filosofia atual no Brasil*, p. 416.

18. *Ibid.*, p. 417.

b. Alerta contra o ceticismo

Sempre verberou os velhos erros do passado, ressuscitados como a última palavra do saber, em que o ceticismo é a má erva, as más idéias que estão invadindo o campo cultural moderno, ameaçando não corromper apenas uma cidade ou um povo, mas toda a humanidade.

Em suas aulas, sobretudo, podia-se sentir toda a grandeza espiritual do educador que era; em uma delas, dissertando sobre este tema, concluiu, apolíneo: “Eu conclamo a juventude de hoje para que não se torne aquela juventude que perseguiu sempre os grandes homens, aquela juventude que perseguiu Sócrates, aquela juventude que perseguiu os pitagóricos, aquela juventude que levou condenação e morte a Anaxágoras; mas sim aquela juventude que apoiou Platão, que apoiou Aristóteles no Liceu, que apoiou Pitágoras no seu Instituto; aquela juventude estudiosa, aquela juventude que dedica o melhor de sua vida para formar o seu conhecimento, aquela juventude que quer ser capaz de assumir as rédeas do amanhã, e não a juventude que quer apenas ser uma massa de manobras de políticos demagógicos e mal-intencionados, uma juventude de agitação, mas sim uma juventude construtora, uma juventude realizadora, uma juventude que lance para a história da humanidade os maiores nomes e os maiores vultos...”¹⁹

c. A crise moderna

Aprofundando esse assunto, Mário Ferreira dos Santos apontou para a perplexidade do homem moderno em todos

19. Aula gravada em agosto de 1965, inédita; dos arquivos do Conpefil e da família.

os campos da existência (na história, na economia, na religião, na estética, na filosofia), sobretudo a do especialista que denomina “crise analítica”, indicando a necessidade da concreção, superando velhas ideologias que geraram as violências a que hoje assistimos.

Falando em tom apostolar, candente e convocativo, exclama: “Como não haver ‘crisis’ se cada vez nos separamos mais?”, “que fazem nossos ‘especialistas’ senão separarem-se, abstraírem-se na ‘espécie’ que aprofunda a ‘crisis’?”

E adverte: “nossa inteligência em vez de unir, incluir, ela separa, desune, exclui. Seccionamos, sectarizamos, e queremos totalizar o todo homogeneizando-o ao heterogêneo que separamos. Eis aí a ‘crisis’ agravada por nós”.²⁰

Por tais intuições, denunciou também, em seus livros *Origem dos grandes erros filosóficos* e *Erros na filosofia da natureza*, as velhas teorias sempre refutadas e que ressurgem como novidades, multiplicando-se, gerando atitudes e firmando posições que levaram o homem a profundos conflitos.

Ali admoesta “os bem-intencionados para que não sejam vítimas de tais erros, para que possam compreender por que a perplexidade avassala o homem moderno, entendendo, então, por que tais erros se repetem e conquistam adeptos. É mister fazer essa obra de denúncia, porque não é mais possível deixar que tantos males se repitam e se multipliquem”.²¹

20. *Filosofia da crise*. São Paulo: Logos, 1956. p. 14.

21. Editora Matese, 1965, p. 16.

d. O problema do mal no mundo

Nenhum assunto escapou à lúcida e penetrante análise filosófica do grande escritor, inclusive o problema de Deus e do mal.

Estudando o teísmo e o deísmo, a possibilidade gnoseológica de conhecermos a Deus, através das inúmeras provas já apresentadas, e outras correntes, chega a discutir qual a causa do mal no mundo, em seu livro *O homem perante o infinito*.

Aí ele afirma: “O mal só pode ter uma causa: o bem. Uma causa por necessidade, tem que ser e ter o ser; e ter o ser é bem; conseqüentemente, é o bem, mas um bem distintivo do bem do sujeito, no qual imediatamente se encontra tal privação. Mas a causa do mal não pode ser ‘eficiente’ e sim ‘deficiente’, pois o mal, em si, não é ser, nem efeito, mas defeito, falta de ser. Logo, Deus, que é indefectível, não é diretamente causa do mal, nem eficiente, nem deficiente”.

Continua analisando que “também não é causa do mal moral e de nenhum modo, nem direta nem indiretamente, porque a liberdade dada ao homem permite-lhe não pecar e, se peca, o faz por sua vontade. O mal físico pode ordenar-se e querer-se por um bem maior, e assim o quer e o permite Deus. Mas um mal moral não admite nenhuma compensação que o justifique; por isso, conclui Tomás de Aquino que Deus não pode querê-lo de modo algum. Deus tira maiores bens dos males; por isso, os tolera. O defeituoso provém do defectível; ora, Deus não é defeituoso; logo, a causa do mal vem das causas deficientes, que são as causas segundas de onde procede o mal”.²¹

22. 5. ed. Editora Logos, 1963, p. 245.

23. Ibid., p. 246.

Em profunda crítica discute que “o conceito de mal como positividade ôntica e ontológica levaria ao nada, pois o mal seria a negação total do ser; portanto, neste sentido, o mal não tem positividade. Um mal absoluto seria destruição do ser e, portanto, do próprio mal. O bem supremo é um valor supremo, e não deve ser confundido com o valor onticamente fundado. Deus, como bem supremo, é o Bem e a Felicidade Suprema. Como ser subsistente e coordenador de tudo quanto há, é o bem de tudo quanto há”.²¹

Enfeixando todas essas afirmações termina positivamente admitindo que “a própria análise do bem e do mal leva-nos a construir mais um argumento em favor da existência de Deus. O mal não é um argumento contra Deus, mas um argumento a seu favor. É preciso que haja Deus, porque há o mal”.²⁵

O que dizer deste pensador, hoje

Mário Ferreira dos Santos faleceu a 11 de outubro de 1968, após longa enfermidade cardíaca. Quase uma década e meia se passou; e as centenas de obras que publicou, em milhões de exemplares, certamente não se perderam.

Há de estar latente, a todos que com ele privaram, como nós em seus círculos particulares de estudo, ou nas concorridas sessões culturais do Centro de Oratória “Rui Barbosa” (CORB), de São Paulo, ou mesmo em trabalhos para a Editora Logos,²⁶ a vivacidade, a lhaneza no trato, a atenção pessoal que dedicava aos problemas que lhe eram lançados.

24. Ibid., p. 249.

25. Ibid., p. 250.

26. SOUZA, Carlos Aurélio Mota de. *Antologia de famosos discursos brasileiros*. 1. ed. [S.I.: s.n.], 1957. 1ª série.

Multiplicavam-se os cursos e palestras, a que nunca recusava, quando abordava com profundidade todos os assuntos propostos, demonstrando cultura humanística invulgar, as-sentando suas afirmações em filósofos de todas as épocas e autores de todas as culturas.

Sua afanosa procura da Unidade em todos os campos do saber, dirigindo o pensamento, em consequência, para a Sabedoria Suprema, para o Deus unificador, é sabedoria atualíssima que merece ser estudada e continuada.

Foi um pensador completo, que procurou nada rejeitar em seus estudos e pesquisas, mas apenas refutar o que não fosse positivo e não levasse o Homem a conhecer-se em totalidade.

Por isso, e nesse sentido, foi um gnoseólogo humanizante, de pensamento total, que nada exclui do homem ou em desvalorização deste.

Homem teórico no pensamento, foi extremamente prático em suas ações, desde a forma popular e simples de apresentar os grandes problemas da Filosofia,²⁷ como no assumir empresas para divulgar pessoalmente suas obras, sem depender de barganhas publicitárias, críticas de encomenda, ou apelos de vendagem.²⁸

Daí a tremenda penetração de suas obras com dezenas de reedições, demonstrando ser escritor acessível ao entendimento do homem de sua época, conseguindo seu intento de quebrar preconceitos de que filósofos nacionais não seriam bem recebidos.

27. *Filosofia e cosmovisão, Convite à filosofia; Convite à psicologia prática; Convite à arte, etc.*

28. *Rumos da filosofia atual no Brasil*, p. 410.

A extrema fecundidade de trabalho de Mário Ferreira dos Santos legou-nos uma obra filosófica, e como tal não desapareceu dentre os estudiosos.

Conclusões

Se de um lado não deixou discípulos organizados em escola, a Filosofia Positiva e Concreta de Mário Ferreira dos Santos é uma Escola Filosófica adequada ao homem dos nossos dias, para entendimento e solução dos problemas que afligem o mundo.

Restam, ainda, dezenas de obras inéditas,²¹⁵ que o público atual mereceria conhecer, não só para memória desse extraordinário pensador brasileiro, mas também para o coroamento de sua extensa obra, produzida em momentos de sua maior e melhor intuição filosófica.

Relegada progressivamente a planos inferiores na cultura nacional, urge resgatar a Filosofia Humanizante, centrada na realidade do Ser Supremo.

E este filósofo buscou incessantemente a integração, abordando o ecumenismo, a busca da Unidade, procurando

29. *A sabedoria das leis-, A sabedoria da dialética concreta; A sabedoria dos esquemas* (Tratado de esquematologia); *A sabedoria das tensões* (Teoria geral das tensões); *Cristianismo, religião do homem; Psicologia; Brasil: um país sem esperança?; Brasil: um país de exceção*. Além das traduções de *As Enéadas de Plotino, Páginas sublimes de São Boaventura; De Primo Princípio* de Duns Scott; *As três críticas de Kant; Interpretação do apocalipse de São João; Poemas de Lao-Tsé de Tau Te King; Versos áureos de Pitágoras, e Opúsculos famosos de São Tomás deAquino*; algumas dessas obras restaram inacabadas.

“um método capaz de reunir as positivities de diversas posições filosóficas”, “método incidente e não excludente, que concilie positivities”,³⁰ combatendo ao mesmo tempo as filosofias niilistas, negativistas e pessimistas, que alienam, desesperam e dividem o homem e o mundo, sem lhes dar a devida concreção e a certeza do Bem Supremo.

Bem por isso concluiu sua autobiografia apontando para a reconciliação da Filosofia com a religião cristã, como Filosofia Superior capaz de unir os homens e fazê-los se compreenderem, pois para ele Cristo representa tudo quanto há de mais elevado, é o homem enquanto Vontade, Entendimento e Amor, correspondente à concepção católica das Três Pessoas da Trindade.”

Carlos Aurélio Mota de Souza

Livre-docente em Filosofia do Direito

pela Unesp - Franca (SP)

Professor do Curso de Mestrado em Direito

da Fundação Eurípides Soares

da Rocha - Marília (SP)

30. *Teoria do conhecimento*. São Paulo: Logos, [19—]. p. 11.

31. *Rumos da filosofia atual no Brasil*, p. 427.

I

Cristianismo: a religião do homem

§ 1 *Cristianismo não é uma religião cultural, porque não depende de uma cultura determinada; não é uma religião racial porque não depende de qualquer raça; não é uma religião de casta, de estamento, de classe, porque não depende de nenhum deles. O Cristianismo é a religião do homem concreto, do homem tomado em sua totalidade, e por isso independe inclusive do tempo.*

§ 2 *O Cristianismo não é uma religião que surja apenas da síncretise de muitas religiões, porque oferece aspectos que lhe são próprios, peculiares e sui generis. O Cristianismo não é novo avatar de uma crença, porque não se reduz totalmente a nenhuma outra. O Cristianismo é a religião do homem concreto.*

§ 3 *Todas as religiões têm os seus cumes e os seus vales; todas as religiões ascendem ao Ser Supremo, através de suas piedosas intenções e de suas práticas. Mas o Cristianismo reúne esses cumes e os dirige para o transcendente. Contudo, realiza essa marcha através do homem*

concreto. Este é o viandante que se encaminha para lá, sem precisar negar-se, nem aniquilar-se, nem trair-se.

§4 *À proporção que o homem afirmar a si mesmo, entender a sua concreção, compreenderá o seu destino e o seu sentido, e aproximar-se-á cada vez mais do Transcendente.* O Cristianismo é a religião que afirma que o homem se salva à proporção que se torne concretamente mais ele mesmo. O Cristianismo afirma que a salvação do homem se dá através do humano.

§5 *É assim o Cristianismo a religião do homem concreto, porque não deve este nunca negar-se, não deve este nunca menosprezar o que tem de positivo, não deve nunca descrer de suas próprias possibilidades preceptivas, nem de que pode utilizá-las.* O Cristianismo é, assim, uma promessa que se realiza através de nós, e só exige de nós que ofertemos o melhor de nós e o mais humano de nós.

§6 *O verdadeiro cristão conhece o que há de positivo e de negativo em si mesmo.* Sabe que é um ser carente em toda a sua humanidade; sabe que anela o supremo bem e a suprema verdade; mas sabe, sobretudo, que tem em si mesmo um anelo capaz de promover todas essas vitórias.

§7 *O verdadeiro cristão tem fé em suas forças, esperança em suas possibilidades, e a sua verdadeira caridade vai consistir em dar ao que carece a força que lhe falta, estimular o que vacila ante a dúvida, animar o que desespera, dar o alento ao que fraqueja, amar além de si mesmo.*

O verdadeiro cristão não está só, porque sabe que seu semelhante lhe é igual e, como ele, também destinado para a grande façanha.

§ 8 *Por isso o verdadeiro cristão se solidariza com seu próximo e busca torná-lo cada vez mais próximo ao seu coração e ao seu amor.* O verdadeiro cristão sabe que é um viandante que anela alcançar a morada final de seu descanço, mas que será início de sua superação; e sabe, também, que seu braço deve estender-se ao mais fraco, e que sua inteligência deve servir para dissipar trevas.

§ 9 *Perguntareis: mas provareis a validade do que afirmaste?* E esperais de mim uma resposta. Contudo, não vos darei uma, mas várias.

Só espero que com elas eu dissipe as vossas dúvidas, desfaça a vossa descrença, reavive as vossas esperanças, e que possais, assim, seguir a vossa via confiante. Se assim for, terei consumado o melhor de mim mesmo.

§ 10 *Em primeiro lugar, vós bem sabeis quem é o homem.* De-sejam enganar-se aqueles que se põem a perguntar: quem somos nós? Eles bem sabem que não somos como as pedras do caminho, nem como as plantas das montanhas, nem como as flores dos prados, nem como os animais da selva, nem como os pássaros que voam ou os peixes do mar. Eles bem sabem que não somos nada disso.

§ 11 *Não somos como as pedras, porque vivemos; não somos como as plantas, porque sentimos; não somos como os animais, porque pensamos.* Todos eles sabem que não

somos aqueles, porque somos capazes de pensar e somos capazes de errar, porque experimentamos e falhamos e porque tentamos e acertamos. Eles sabem que somos homens e que ser homem é ser um ente que pensa. Todos sabem disso, mesmo os que mentirosamente perguntam: quem somos nós?

§ 12 *Todos eles sabem que os animais vivem e morrem, como sempre viveram e sempre morreram.* E sabem que o homem construiu novas vidas sociais, criou instrumentos com os quais rasgou as carnes da terra e penetrou na imensidão dos espaços. Todos eles sabem que o homem criou linguagens distintas, para que as suas almas se debruçassem nas almas de seus semelhantes, mas que também criou ódios e divergências, seitas que separam irmãos, barreiras que serviram para aumentar as suas misérias.

§13 *O homem atravessou os séculos e os milênios sempre o mesmo, mas sempre diferente e vário.* Um ser pensante sempre, e constantemente criador. Nenhum homem, que pense bem sobre tudo isso, deixará de reconhecer que o homem é um animal que pensa, um animal dotado de uma razão e de um entendimento, um ser capaz de valorar o seu mundo, de dar-lhe mais valor ou de desmerecê-lo.

§ 14 *Sim, o homem não se apossa apenas das coisas, mas julgá-las. Considera-as melhores ou piores que outras, mais convenientes ou não, compara-as em seu valor e estabelece uma hierarquia nas coisas do mundo, segundo os graus de valor que lhes dá.*

E isso porque o homem prefere e pretere as coisas que lhe surgem.

O mundo não lhe é indiferente, portanto.

§15 Tanto a preferência como a preterição é uma quebra da indiferença humana. E essa operação de avaliar as coisas o homem faz, julgando os seus valores e as suas possibilidades. Tudo isso prova que o homem tem uma capacidade de julgar as coisas, de avaliá-las. Também os animais revelam possuir uma capacidade semelhante.

§ 16 Mas, no homem, ela procede diferentemente, por ser mais complexa. É o que não somente avalia as coisas segundo a conveniência ou não que elas representam para ele, mas as avalia além do que elas revelam aos seus sentidos. Ele as julga pelo que elas são, pelo que elas serão capazes de proporcionar, pelo valor das suas possibilidades quando atualizadas, pelo significado mais profundo que elas possam ter.

Ora, de nada disso é capaz o animal.

§17 É que nessas avaliações do homem já penetra a inteligência, a capacidade de construir conceitos, de formular idéias, de promover raciocínios. De nada disso são capazes os animais. Ora, tudo isso são perfeições de que carecem os animais. A perfeição é a manifestação do próprio ser, porque atualiza algo que podia ter, e, quando a tem, o ser torna mais perfeito, mais acabado.

§ 18 Assim a criança, que ainda não fala, poderá um dia falar, e nesse dia será mais uma perfeição humana. É como

a semente na terra da qual se gera o arbusto, e o arbusto do qual se gera a árvore frutífera, e desta, o fruto precioso. Tudo isso são perfeições, são acabamentos de ser que se toma, assim, mais perfectivo do que antes. A inteligência, no homem, é, assim, a sua grande perfeição, já que é ela que o distingue dos animais.

§19 Mas se prestardes bem atenção, vereis que o homem é um ser capaz áe adquirir sempre novas perfeições e de ampliar as que já possui e superá-las por outras maiores. Pode-se ensinar a um animal correr mais veloz que outros, não, porém, que seja mais inteligente que seus semelhantes. Pode-se domesticar e amestrar um animal para que faça acrobacias extraordinárias, nunca, porém, para que ele entenda a página de um pensador.

§ 20 Não nos preocupará se o homem ó capaz de tomar mais perfectivos os seus sentidos ou os seus músculos, porque isso também poderíamos obter com os animais. O que nos preocupa agora é que podemos tornar o homem mais sábio e conseguir que seja mais apto para entender, para pensar, para criar, e principalmente porque essa capacidade pode ser ampliada por nós mesmos.

§ 21 Nós também somos obras de nós mesmos, nós também criamos algo de nós mesmos, nós também somos frutos do nosso próprio esforço. É assim o homem: um ser capaz de erguer a sua inteligência, de torná-la mais poderosa, de ampliar o campo de sua ação, e mais seguros os resultados obtidos. O homem tem assim, à frente de si mesmo, a si mesmo, à espera de seu próprio esforço.

§ 22 *Mas que fazemos quando entendemos alguma coisa?* Sabemos que ela é isto ou aquilo. E que é o saber se não tiver notícia de alguma coisa? Sim, sabemos que este objeto é uma esfera, porque é, em sua forma, como o são as outras esferas; mas as outras são esferas, porque todas elas são o que consideramos esfera. Este é o conceito, é o que conceituamos de todas as coisas, o que captamos das coisas e com que as classificamos. Então sabemos o que as coisas são, quando sabemos qual é o seu conceito.

§ 23 *Mas esse saber não é o único ao qual alcançamos.* Nós sabemos mais quando sabemos por que uma coisa é o que ela é. Podemos conjeturar que atirando uma semente à terra dela nascerá um arbusto, depois uma árvore que nos dará frutos. Mas se não sabemos de que é essa semente, não saberemos ainda quais frutos poderão vir. Quando sabemos do que dependem as coisas realmente para serem, sabemos muito mais. Esse saber das coisas, por suas causas, *é a ciência.*

§ 24 *Como somos capazes desse saber, somos capazes de criar a ciência.* E essa ciência será perfectivamente mais completa, quando sabemos quais as provas ou demonstrações que podemos apresentar para dizer as causas das coisas, que são aquelas que infundem ser nas coisas, aquelas das quais as coisas dependem realmente para ser. Somos capazes de realizar essa perfeição da ciência e sabemos que é ela também perfectiva, pois podemos torná-la mais completa pelo melhor conhecimento das causas.

§ 25 *Além de um saber que adquirimos com a prática, há um saber que adquirimos culturalmente, quando especulamos com as idéias.* Somos, assim, capazes de construir uma ciência prática e uma ciência especulativa. E por que somos capazes de fazer tais coisas? Em primeiro lugar, temos de compreender que não nascemos com a ciência, mas que a adquirimos. É do que captamos com nossas experiências que construímos, depois, um saber culto.

§ 26 *Na verdade, tudo isso sabemos. Sabemos, assim, que a ciência é algo que temos, algo que constitui o nosso haver.* Como *haver* no latim é *habere*, e daí vem *hábito*, o que se adquire e se tem, pode-se dizer que a ciência é um hábito, porque a adquirimos, e depois a conservamos, como a ampliamos. Tudo isso é uma obra do homem, graças ao seu entendimento. Mas só o entendimento não lhe daria a ciência e por quê?

§ 27 *Quando o homem quer saber, ele quer ter uma notícia.* Ora, esta indica que o que ele obtém intelectualmente da coisa se ajusta ao que a coisa é. E quando assim sucede, ele diz que tal ajustamento é *verdade*. Assim ele diz que esta pedra é verdadeiramente pedra, porque esta se ajusta ao que é pedra. Mas a verdade do homem é diferente desta.

§28 *A verdade para nós apresenta sempre a adequação entre dois termos, em que pelo menos um desses termos é o intelecto.* Há assim verdade para nós, quando o nosso intelecto se ajusta ao que dizemos que a coisa é. Esta pe-

dra é para nós verdadeiramente pedra porque o que ela é se ajusta ao que dizemos que é pedra. Assim nosso intelecto se ajusta com as coisas.

§ 29 *Quando examinamos o animal, notamos que ele tende com intensa disposição para tudo quanto é conveniente à sua natureza. É como se todo ele pedisse o que lhe convém. Essa fome é um ímpeto para o que deseja. Esse ímpeto que o move para o que lhe convém os latinos chamaram de *apctitus*, e os gregos *oréxis*. Na nossa ciência ainda hoje se fala em *apetite* e em *oréxis*. O animal tem *apctitus* pelo que é conveniente à sua natureza animal.*

§ 30 *Mas o homem também é movido por uma *oréxis* para o que é conveniente à sua natureza considerada estaticamente (enquanto em si mesma), dinamicamente (enquanto no desenvolvimento de suas possibilidades) e cinematicamente (enquanto na interdependência das suas relações com outros).*

Há, assim, uma *oréxis* no homem, como há no animal, porque o homem também é animal.

Mas há outro aspecto nessa *oréxis* que é importante salientar.

§31 *É que o homem tem um entendimento, do qual carecem os animais. E por essa razão sua *oréxis* toma aspectos diferentes e dirige-se para fins mais remotos, e não perfeitamente determinados.*

O cavalo pode buscar a água que apaziguará a sua sede, ou o pasto que saciará a sua fome. O homem

também pode buscar a água para a sede de seu corpo e o alimento que o amparará. Mas porque é capaz de construir uma idéia, ele aspirará a alguma coisa a mais, que não se determina assim tão simplesmente.

§32 *O homem não tende apenas para este bem próximo, mas tende para o bem.* Bem é tudo quanto é bom. Bom é tudo quanto é apto a satisfazer a exigência de uma natureza. Bem para o homem é tudo quanto é bom para satisfazer as exigências da sua natureza.

O animal tende para esse bem próximo, mas o homem tende também para um bem remoto. E como é capaz de conceituar a perfeição, o homem tende para o bem perfeito, o Supremo Bem.

§33 *E assim como o homem tende para o Supremo Bem, tende ainda para o Supremo Verdadeiro,* porque não lhe satisfazem as verdades próximas que encontra, pois quer alcançar a verdade final, a verdade perfeitíssima, a verdade suprema.

Há assim, no homem, graças ao seu entendimento, duas *oréxis*, a que tende para o bem supremo e a que tende para a verdade suprema. E assim como o animal é determinado ao seu bem, é o homem determinado ao seu bem supremo.

§ 34 *Assim, necessariamente, o homem tende para o bem supremo, não, porém, para necessariamente os bens relativos e próximos.* Nós todos queremos alcançar a satisfação plena do que aquiete as exigências de nosso ser, o bem final, o bem último e definitivo, mas vacilamos ante os

bens próximos. Podemos errar quanto a estes, não quanto ao final. Um destino indefectível nos leva até eles. Contudo, há caminhos que mais nos aproximam de nosso melhor bem, como há os que nos afastam.

§ 35 *Muitos confundem a vontade como ímpeto volitivo da oréxis.* A vontade é a *oréxis* assistida pelo entendimento que busca o bem, ou melhor, a vontade é a *oréxis* racional, inteligente, do bem. É a vontade que delibera ante o bem próximo que podemos escolher, preferindo este, preterindo aquele. A vontade, assim, assistida pelo entendimento, pode errar e pode acertar. E quando em face de dois bens, e tem ela de preferir um e preterir outro, ela realiza um arbítrio, tem de arbitrar o que merece o seu anelo.

§ 36 *É quando a vontade é livre.* Mas essa liberdade não exige isenção absoluta de determinação, porque somos determinados necessariamente ao bem sem determinação, não, porém, a este ou aquele bem, pois podemos, pelo entendimento, com o apoio da vontade, julgar que devemos preferir este e preterir aquele. É ela o sinal mais elevado da nossa humanidade.

§ 37 *Aqueles que não compreenderam assim a liberdade, viveram-se em apuros para entendê-la, e muitos preferiram até negá-la.* Não podiam entendê-la senão desligando-a de toda necessidade e de toda determinação. Construíram uma imagem falsa da liberdade, que era fácil depois destruir. Nossa liberdade consiste apenas em poder a nossa vontade, assistida pelo nosso entendi-

mento, preferir este bem e preterir aquele, não, porém, preterir totalmente o bem.

§ 38 *Por isso a liberdade exige entendimento, e este em sua plenitude.* E como pode o entendimento dar assistência à vontade se ele não for capaz de advertir o que está em exame, se não puder estudar com cuidado o que convém ou não convém; se não estiver o homem livre de coações que o cerceiam; se não estiver desobrigado das paixões que o avassalam? Por isso a liberdade da vontade implica a cooperação eficiente e decisiva do entendimento.

§39 *E o entendimento, porque é perfectivo, exige que o conhecimento seja o mais seguro e rigoroso.* Conseqüentemente, sem um saber cuidado e profundo não saberemos comparar para compreender as diferenças e as semelhanças. Como poderá atuar com liberdade a nossa vontade se lhe obstaculizar o empecilho da ignorância?

A vontade livre, portanto, exige entendimento claro, ciência, afastamento constante da ignorância.

§40 *E tudo isso só o homem pode realizar, não o animal.* Vê-se, assim, que o entendimento tende para a verdade, e a vontade tende para o bem. O entendimento é assim a *oréxis* intelectual da verdade, e a vontade, a *oréxis* intelectual do bem.

Em ambos, tanto no entendimento como na vontade, há uma igual raiz: a *oréxis*, o ímpeto para o que é conveniente à natureza humana.

§41 *E como a natureza humana tem âe anelar o que lhe é conveniente (o bem), anela, portanto, a verdade, porque ela é também conveniente à sua natureza. Assim a verdade é ainda bem, o bem é ainda verdade. De onde se vê que há uma mesma natureza em ambos, mas dois papéis diferentes, pois a vontade é a mesma *oréxis* que tende intelectualmente para o bem, e o entendimento, a *oréxis* que quer a verdade, também um bem.*

§ 42 *Há nessa *oréxis* um ímpeto afetivo, um anelar o que é desejado, um amor.*

Assim o entendimento é o amor da verdade, e a vontade é o amor do bem.

Mas o amor é da mesma natureza dessa *oréxis*, embora represente um papel diferente.

Há, assim, no homem uma trindade: *vontade, entendimento e amor.*

Os três têm a mesma natureza, mas representam papéis diferentes.

§43 *O amor pode ser só amor em sua função, como também o entendimento só entendimento, e a vontade só vontade.*

Contudo, só há vontade humana onde há amor, e entendimento, onde há amor e vontade; só há amor onde há entendimento e vontade, porque o amor tem de nitidamente conhecer o que ama e intensamente querê-lo.

§ 44 *Portanto, podem eles atuar de certo modo separadamente, mas a sua natureza exige, necessariamente, os outros. Deste modo são três papéis de uma mesma natureza. Assim é o homem. E nisto ele se distingue profunda-*

mente dos animais. É um ser anelante de verdade, anelante de bem e anelante de amor. A vontade, por aspirar ao bem, gera e desenvolve, no homem, o entendimento para escolher com verdade, e o amor os une, porque é o princípio e raiz deles.

§ 45 *Assim, o amor é a oréxis que quer a verdade do bem eleito (escolhido); a vontade, a oréxis que aspira com amor à verdade do bem escolhido; o entendimento, a oréxis que aspira com amor ao bem da verdade. Assim, o amor é a vontade intelectual da verdade do bem; a vontade, o amor intelectual do verdadeiro bem; o entendimento, o amor intelectual do bem da verdade.*

§ 46 *Assim é o homem, quer queiram quer não, os que não o compreenderam bem. E é fundamentado nessa realidade do homem, como o homem é em sua concreção, que o cristianismo se cimentou. Não é uma religião imposta ao homem, mas uma religião que brota do homem e marcha para o Ser Supremo. Por isso Cristo foi também um homem.*

§ 47 *Das coisas que sucedem, umas sucedem necessaria e infrustravelmente por sua natureza, como as águas que correm para os rios, seguindo as leis da natureza. Contudo, o homem pode represá-las, pôr um dique que as retenha, e dar-lhe outro destino que o mar.*

Aquela folha seca, rola, volteia, segundo os impulsos do vento, mas o ser humano não. Há, no homem, uma frustrabilidade, que é uma propriedade da sua essência racional.

O homem, por ser inteligente, pode escolher entre possíveis futuros, sem que a sua escolha modifique no que quer que seja a ordem natural. Pode, pela vontade, mudar o rumo de seus atos e estabelecer outros. Pode frustrar um acontecimento e realizar outro que o anteriormente desejado.

Há atos que o homem faz e poderia não fazer, sem perturbar a ordem cósmica. Há também atos que o homem não faz e que poderia fazer.

§ 48 *Entre os atos que o homem pode realizar, há aqueles cuja realização é indiferente ao bem do homem.* Ou seja, não prejudicam nem favorecem a natureza humana considerada estática, dinâmica e cinematicamente. Tais atos indiferentes não provocam males nem benefícios, quando realizados. Compreende o homem, desde logo, que tais atos apenas podem ser realizados ou não, contudo não vê por que terá de fazê-los.

§ 49 *Do latim de habeo, ter de, surgiu o verbo debeo, eu devo, do nosso verbo dever.* Quando dizemos: devemos fazer isto ou aquilo, queremos dizer que *temos* de fazer isto ou aquilo. Mas quando dizemos tal coisa, quando falamos do *dever*, falamos de um ato que deve ser realizado, que temos de realizar, cuja frustração é inconveniente. Mas quem estabeleceria um dever-ser suspenso no ar e sem razão qualquer? Um dever-ser dessa espécie seria apenas uma ordem de comando e nada mais.

§ 50 *Mas o dever não é apenas uma ordem de comando.* É algo a que não convém frustrar o seu acontecer, por al-

guma razão digna de respeito. Assim, o que é conveniente à nossa natureza estática, dinâmica e cinematicamente considerada, não gostamos que nos frustrem. Julgamos todos que o que é conveniente, o que nós apetecemos, aquilo para o qual se dirige a nossa *oréxis*, quer a sensível, como a intelectual, nós temos direito, cabe-nos com justiça, com retidão.

§51 *O que é conveniente à nossa natureza é um bem para nós, e esse bem áele precisamos para nosso equilíbrio vital. Ele nos cabe porque é nosso bem. É reto que o desejemos, é reto que o possuamos, é reto que dele nos apropriemos. É o nosso direito. O direito, assim, em seu fundamento natural, baseia-se no que nos deve ser dado ou atribuído, porque corresponde à conveniência da nossa natureza, segundo for ela considerada. O direito, assim, não se separa do *dever-ser*, da obrigação.*

§ 52 *Por isso, onde há direito, há obrigação. A cada obrigação corresponde um direito, como a cada direito corresponde as suas obrigações.*

Mas o homem não é um indivíduo só que exista. Há homens, e homens, que também têm o seu direito e também têm as suas obrigações. Ofenderá o direito de outro aquele que não respeitar o que é conveniente à natureza de seu semelhante. Por isso o direito tem de ser solidário e universal.

§53 *O direito de cada um não colide, quando justo, com o direito de nenhum outro, porque os direitos são os mesmos, pois são seres da mesma espécie, que aspiram aos*

bens que são convenientes e proporcionados à natureza de cada um, que é a mesma em todos. As colisões de direito só podem surgir quando alguém lesa o direito alheio, ou não cumpre a obrigação que corresponde ao seu direito. Por isso, onde se lesa a lei, há injustiça.

§ 54 *Justiça é reconhecer em cada um, nitidamente, o seu direito e assegurá-lo, bem como nitidamente a sua obrigação, e exigir o seu cumprimento.*

Não há justiça onde se lese o direito alheio, nem tampouco se afrouxe o dever do cumprimento das obrigações.

Eles são correlativos necessários porque são simultâneos: se de alguém se exige uma obrigação é porque se lhe dá um direito, e se lhe dá um direito porque se lhe exige uma obrigação.

§ 55 *Onde o direito se separa e se independentiza da obrigação, não há justiça.*

Onde os homens não reconhecem entre si os seus direitos e as suas obrigações, não há justiça. Um direito desligado totalmente da obrigação não é direito; uma obrigação totalmente desligada do direito não é obrigação.

Devem ser proporcionados um ao outro, porque toda disparidade que houver afronta ao direito e à obrigação, portanto, à justiça.

§ 56 *Ao ser humano cabe a frustrabilidade de certos atos, que pode ele fazer ou não. Os animais dizem sempre sim à natureza. O homem, porém, pode dizer não. Nesse não*

está o índice de sua natureza, a abertura de sua elevação, mas, também, o primeiro passo para os seus erros.

O homem pode frustrar o dever-ser. O dever-ser dos animais é fatal, porque eles obedecem aos instintos. Mas o do homem é frustrável, porque ele é inteligente e dispõe da vontade.

§57 *E por que se dão tais coisas?* As razões são simples: o homem não é um ente imutável e eterno. É um ente mutável e temporal. Sua vida é um longo itinerário, um longo drama, porque ele atua e sofre sucessivamente, uma longa realização dramática, porque ele age e faz. E como age e faz, ele prefere e pretere. Por isso, ao longo do drama humano, ao longo de sua *práxis*, de sua prática, o homem avalia valores.

§ 58 *Em toda a vida prática do homem há a presença dos valores*, que são julgados, preteridos e preferidos. Onde há ação humana, há presença do valor, e o que o homem faz ou sofre é conveniente mais ou menos ou não à sua natureza estática, dinâmica e cinematicamente comparada. Em tudo, portanto, há valores, maiores ou menores. E, ademais, o homem dá suprimentos de valor ao que lhe convém, como também lhes retira. Supervaloriza ou desvaloriza.

§ 59 *Mas esses valores são valores do homem, por isso são valores humanos* (em grego, valor é *axiós* e o homem é *anthropos*, daí chamarem-se a esses valores axioantropológicos). Toda a vida ativa e factiva do homem (a vida técnica) está cheia da presença dos valores e dos desvalores do homem.

Por essa razão, cada ato humano é mais ou menos digno, segundo tenha mais ou menos valor. A dignidade dos atos continuados marca o seu valor.

§ 60 *Os atos continuados constituem o costume* (o que os gregos chamavam *ethos* e os latinos *mos, moris*, de onde vêm Ética e Moral). Os atos éticos ou morais são atos que têm valor, são atos, portanto, que têm dignidade. É eticamente valioso o dever-ser que corresponde à justiça, como antes expusemos; é eticamente vituperável, indigno o ato que ofende a justiça, ou seja, o direito, o que é devido à conveniência da natureza humana, na multiplicidade em que pode ser tomada.

§ 61 *Assim, toda vida prática do homem gira em torno da Ética.* Como disciplina filosófica, esta tem como projeto formal a atividade humana em relação ao que é conveniente ou não à sua natureza.

Os atos podem ser assim éticos ou antiéticos, ou então anéticos. Éticos, os que devem ser realizados; antiéticos, os que não poderiam ser realizados; e anéticos, os que nos parecem indiferentes.

§ 62 *Portanto, toda a vida ativa e factiva (técnica, artística) do homem se dá dentro da esfera ética,* pois, os filósofos antigos punham o Direito, a Economia, a Sociologia, a Técnica e a Arte como inclusas e subordinadas à Ética, porque os atos humanos estão sempre marcados de eticidade. Esta a razão por que se deve distinguir Ética de Moral. Essa distinção não é arbitrária.

§63 *A Ética estuda o dever-ser humano*, a Moral descreve e prescreve como se deve agir para realizar esse dever-ser. A moral é variante, mas a Ética é invariante. Podem os homens, mal assistidos pela intelectualidade, errarem quanto à eticidade de um ato e estabelecer um costume (moral), que nem sempre é conveniente, ou é exagerado. Podem errar, porque o homem pode errar, mas se der ele o melhor de sua atenção à Ética, ele não errará e poderia evitar os erros na Moral.

§ 64 *Aqueles que dizem que a Ética é vária, porque a Moral é vária, confundiram a Moral com a Ética*. Essas confusões provocaram inúmeros mal-entendidos e promoveram muita agitação entre os que desejavam atacar a Ética. Há costumes inconvenientes ou convenientes apenas a uma parte da humanidade, mas o que é ético é universal, e deve ser aplicado a todos. A Ética deve ser consagrada ao universal.

§ 65 *Assim, da moral, que surge na vida prática do homem, a mente, especulando sobre ela, chega à Etica*, que é mais especulativa do que prática, porque nela há princípios eternos, enquanto naquela há regras de valor histórico, portanto, mutáveis. Dar a cada um o que é de seu direito é uma norma ética, mas o modo como se procede, segundo a conveniência humana, obediente a essa norma será uma regra moral.

Porque erram os homens na Moral, não se deve negar à Ética o seu valor, pois essa seria uma violentação da inteligência.

§ 66 *Não somos apenas animais, mas homens. E como homens, temos entendimento, vontade e amor. O animal não tem uma vida ética, nós a temos, porém. O animal não precisa estabelecer regras morais, nós, porém, precisamos.*

Não cabe ao animal escolher entre o sim e o não, porque diz sempre sim aos instintos, que o regem. Mas o homem tem de empregar a sua inteligência e a sua vontade, e dirigir o seu amor, por isso o homem é fundamentalmente ético na sua ação.

§ 67 *Porque somos homens e não animais, temos de considerar o testemunho da nossa situação. Não podemos pela animalidade, renunciar a humanidade, que é perfectivamente superior. E não podemos também afirmar uma à custa da outra, enquanto vivemos. O animal em nós não impede que nos elevemos, pois a nossa vida prática mostra que podemos erguer-nos até produzir os mais elevados exemplares humanos.*

§ 68 *Somos capazes de progredir, mas os animais não. As abelhas de hoje agem como as que nos descreve Aristóteles, mas o homem não. Crescem nossos conhecimentos, ampliamos os nossos instrumentos técnicos, invadimos o âmago da terra e escalamos os espaços. Construimos movidos pela nossa vontade, pela nossa inteligência e pelo nosso amor. E as maiores obras humanas foram realizadas pela inteligência, pela vontade e pelo amor.*

§69 *Se o amor, a vontade e a inteligência são capazes de nos erguer acima dos animais, e nos elevarem a estágios cada*

vez mais altos, também tem sido pelo desvirtuamento da inteligência, mal usada pela vontade viciosa e pelo amor desregrado, que caímos nas mais ínfimas situações. Somos grandes apenas quando nos erguemos e não quando caímos. É mais fácil destruir que construir.

§ 70 *Sabemos que ampliar o alcance da nossa inteligência, aumentando o nosso saber, custa-nos esforços; também custa-nos esforços purificar a nossa vontade e acrisolar o nosso amor. É mais fácil permanecer indiferente, e difícil é vencer os estágios e alcançar o mais alto.*

§71 *A ascensão do homem exige esforço e sobretudo coragem. A coragem é aquela virtude que consiste em não temer riscos, quando se deve fazer o que se deve fazer.*

Se nos tornamos mais perfectivos pela elevação de nossa inteligência, pela purificação de nossa vontade e pelo acrisolamento de nosso amor, tudo isso exige coragem.

O contrário da coragem é a covardia. O covarde detém-se ante o que deve fazer por temor aos riscos.

§ 72 *Não somos grandes quando nos acovardamos, mas quando somos corajosos. A elevação do homem exige coragem, portanto, heroicidade. Corajosos são os que se dedicam a aumentar o seu saber, a purificar a sua vontade e a acrisolar o seu amor. Precisamos, pois, de corajosos, e não de covardes. Mas covardia não é apenas medo.*

§73 *O medo é uma trepidação natural do que é corpo em nós ante um iminente perigo. O medo é natural, e todos dele*

sofremos, em maior ou menor intensidade. Mas covardia é a ausência da coragem ética. É temer o risco que uma ação ética pode conter. Não há grandeza nenhuma naqueles que se negam a cumprir os seus deveres. São apenas covardes. E inútil que desvirtuem a inteligência para justificarem-se.

§ 74 *Essas justificações são sempre falsas. São argumentos espiciosos para ocultar a covardia.* A humanidade precisa de homens corajosos e não de covardes.

Outro dever do homem, porque é homem, é aumentar o seu saber, ampliá-lo e purificá-lo dos vícios. Ora, o conhecimento e a ciência são hábitos porque os adquirimos. Não nascemos sábios, mas nos fazemos sábios.

§ 75 *Pode uma sociedade humana orgulhar-se de seus covardes?* Pode orgulhar-se, sim, de seus homens corajosos. Pode uma sociedade humana orgulhar-se de seus homens ignorantes e que nada fazem para ampliar o seu saber? Pode orgulhar-se, sim, de seus homens que tudo fazem para aumentar seu poder.

A humanidade não pode conquistar tantos bens, que lhe são úteis, com covardes e ignorantes.

§ 76 *Esse saber os homens chamaram prudência. Prudência e coragem são assim hábitos,* (por serem habitualmente postos em ação), virtudes do homem. E são virtudes porque estas são os hábitos bons, como os vícios são os hábitos maus. Mas há exemplos de coragem imoderada, de audácia, de temeridade. Há os que se precipitam

e se atiram a atos de coragem em que lhes falta a prudência, tornando-se assim imoderados.

Precisamos, sim, ser moderados na coragem e na prudência.

§77 *A moderação é, pois, uma virtude pela qual o homem refreia* 05 *excessos, e faz com que seus atos se realizem dentro de medidas justas e convenientes. É outro hábito do homem; por ser boa, a moderação é uma virtude. Mas a prudência corajosa e moderada nos leva a compreender o que eticamente é devido a cada um como seu direito e sua obrigação. E isso é a justiça.*

§ 78 *A justiça é também um ato bom; é, portanto, uma virtude quando habitual.* Homens justos, prudentes, moderados e corajosos são os que elevaram o homem, e não os que o denegriram. Os que atentaram contra a humanidade foram os imprudentes, os injustos, os imoderados e os covardes, ou que ainda usaram a força organizada para oprimir a seus irmãos. Não há grandeza do homem se não houver essas virtudes, cuja fundamentalidade levou a serem chamadas de *virtudes cardeais*.

§79 *E são virtudes cardeais porque é em torno delas que gira a vida superior do homem.* O homem só é grande onde essas virtudes são praticadas. Não esqueçamos nunca que é fácil não segui-las. Qualquer covarde pode ser imprudente e negar-se ao estudo; qualquer injusto pode ser facilmente imoderado. Só há grandeza nos que são capazes de realizar essas virtudes.

§80 *E como o homem só é grande quando as realiza, e como a elevação do homem é um dever-ser ético, cultivar essas virtudes é o dever do homem.* É um dever porque, sendo o homem perfectível, é possível a ele alcançar o que é mais elevado; assim ele o faz porque é conveniente à sua natureza humana, já que a torna mais forte e mais poderosa. O homem tem o dever de superar-se constantemente.

§81 *E tem esse dever porque é superando cada vez mais a si mesmo que ele cada vez mais é apto a corresponder à sua própria natureza, já que essa superação é proporcionada ao que a sua natureza é, além de lhe ser possível.* Não está ele violentando o que é, mas atualizando, tornando real, tornando efetivo o que ele pode ser.

O dever do homem, portanto, é seguir cada vez mais o caminho da sua elevação.

§ 82 *Desse modo se vê que obedecendo à ética, à verdadeira ética, cumprindo os preceitos morais mais adequados àquela, o ser humano prepara o caminho de sua elevação.* É uma façanha grandiosa, porque é uma façanha heróica. É algo que é verdadeiramente humano, porque nada tem de animalidade. É o homem na plena afirmação de si mesmo.

Esse caminho é uma possibilidade.

§ 83 *E é uma possibilidade que dá ao homem uma elevação, porque o eleva onde é ele humano.* Qualquer restrição aqui é uma violentação e uma lesão ao direito de ser humano.

Todo obstáculo oposto aqui é uma lesão ao seu direito. Ninguém, pois, tem o direito de opor obstáculos à elevação humana, e todos têm o dever de estimulá-la, e torná-la mais fácil e mais acessível.

§ 84 Por essas razões é injusto impedir o aumento de saber; é injusto obstaculizar a liberdade, quando eticamente orientada; é injusto acovardar os homens, excitá-los à imoderação, aos excessos; é injusto facilitar que as paixões, que são de origem animal, dominem a inteligência.

Toda essa injustiça é uma lesão ao direito humano de superar a si mesmo.

§ 85 Quando nós acreditamos no que nos é evidente desde logo e assentimos com plena confiança, sem temor de erro, temos fé. Quando confiamos que valores e estágios mais altos poderão ser atingidos por nós, temos esperança. Quando somos capazes de amar o nosso amor e amar o bem de nossos semelhantes, temos caridade.

Tanto a fé, como a esperança, como a caridade podem ser habituais.

§86 E porque podem ser habituais, e como esses hábitos são bons: ser incrédulo totalmente seria vicioso; cair na desesperança seria negar as nossas possibilidades; não amar o bem daqueles que amamos ou daqueles que devemos amar seria sermos injustos; portanto, essas três qualidades habituais são virtudes.

Contudo, essas virtudes são deferentes das outras que examinamos, e já veremos por quê.

§87 *A prudência, a coragem (que é também a fortaleza), a justiça e a moderação* podemos adquirir-las a pouco e pouco, e cada vez mais, por nosso próprio esforço, por nossa ação. São hábitos que adquirimos.

Mas quem é capaz de adquirir por si a fé, se descrente é seu coração? Quem pode adquirir a esperança, se não crê em possibilidades melhores? Quem pode amar, se seu coração está seco para o amor?

§ 88 *Estas virtudes, por mais que nos esforcemos em tê-las, não surgem em nós apenas pela nossa vontade*, nem porque sejamos capazes de pensar nelas. Elas surgem, subitamente, sem que, à primeira vista, saibamos de onde vêm. Subitamente em nós se ilumina a fé, crescem as esperanças, e anima-se a nossa caridade.

Estas virtudes vêm de algo que não é a nossa vontade, nem o nosso entendimento; vêm de algo que também deve tê-las e mais o poder de dá-las.

§ 89 *Não são as coisas brutas que nô-las dão, porque as coisas brutas não as têm*; não são as plantas, nem os animais, porque nenhum deles as tem. E mister, portanto, algo que as tenha para no-las dar. E como elas não surgem de nós, não são criações nossas, devem vir de algo superior a nós.

Essa a razão por que são chamadas de virtudes teológicas, distintas das virtudes cardeais.

§ 90 *Vós nos perguntastes tantas coisas e nós vos respondemos*. Respondemos até aqui, até onde pode chegar o homem por seu esforço, usando da luz natural da sua inteligência. E tudo isso que vos dissemos é verdade, porque é

de vossa experiência, e nenhuma experiência humana pode negar a verdade do que dissemos.

Não há argumentos que derrubem nossas palavras, porque nada afirmamos que não se fundasse no homem como o homem é.

§ 91 *Não violentamos nenhuma idéia para justificar outra.* Apenas mostramos o que se dá.

Não houve de nossa parte nenhum emprego de qualquer recurso que violentasse a vossa razão ou afrontasse a vossa inteligência. O que vos dissemos é o que vós devíeis saber e já estava em vós, pois, à proporção que sucediam as nossas palavras, a vossa mente teve de assentir com elas, porque elas apenas disseram o que somos e como somos.

§ 92 *Não obstante, não dissemos tudo.* Há ainda muito que dizer, e vós tendes muito que meditar para completar o que não dissemos, mas que está incluso em nossas palavras.

Nós vos convidamos agora para que, com toda a pureza de vossa vontade, com toda a força da vossa inteligência, e com todo o ardor de vosso amor nos acompanheis um pouco mais. Vereis, então, que a nossa promessa será cumprida.

§93 *A elevação do homem não é uma impossibilidade, porque já atingimos graus mais elevados que outros, e entre nós há os que estão em estágios mais baixos, e outros, em estágios mais altos. Também é evidente que a humanidade é composta de homens, e que somos dife-*

rentes uns dos outros, e mantemos modos de vida diferentes e destinamos os bens, segundo interesse muitas vezes opostos. Por isso os homens divergem uns dos outros.

§ 94 *Fundaram-se povos, cidades, estados, países imensos, ciclos culturais, eras prolongadas.* Em tudo isso vimos dominar a heterogeneidade. Seres humanos oprimiram outros, lesaram os seus direitos, estabeleceram obrigações desproporcionadas, exerceram o poder em seu benefício ou de grupos, à custa de outros. E tudo isso fizeram em nome da inteligência, da vontade e do amor. E também em nome das virtudes.

§ 95 *Tudo isso entristeceu o ser humano, que foi despojado de seus direitos,* o que o angustiou, desalentou-o, desesperou-o, fê-lo duvidar de si mesmo e de tudo. E havia razão para tudo isso, na verdade. Mas, tudo o que se fez de ignominioso não consultava a justiça, nem a moderação, nem a coragem, nem a prudência. Tudo isso não obedecia à verdadeira ética, tudo isso violentava os direitos humanos.

§ 96 *Todas essas ações não foram grandeza, mas miséria.* Ao realizá-las o homem não se elevou, mas se diminuiu. Em tudo isso o homem não foi grande, mas mesquinho; não foi justo, mas injusto; não foi moderado, mas imoderado; não foi prudente, mas imprudente. Em tudo isso o homem falseou a si mesmo, comprometeu a sua grandeza, traiu a sua humanidade e a submeteu à concupiscência animal.

§ 97 *Longa tem sido a história humana dessas misérias e prolongada, sua permanência.* Mas um dia surgiu um homem nas terras da Galiléia, e esse homem ergueu a sua voz e apelou por humanidade ao homem, chamou o homem pelo seu verdadeiro nome, disse-lhe que ia falar a sua linguagem, que ia revelar-lhe a sua verdade. Não falou outra coisa que não estivesse já contida na própria humanidade, e não violentou a sua inteligência, nem oprimiu a sua vontade.

§ 98 *Esse homem apenas pediu ao homem que não continuasse esquecido de si mesmo,* que voltasse sobre si mesmo e visse a sua miséria, mas também a sua grandeza. E esse homem convidou ao homem que aceitasse a sua humanidade e a cumprisse. Não lhe pediu impossíveis, mas possíveis. Pediu-lhe que o acompanhasse numa façanha que todos podiam realizar.

§ 99 *E disse ao homem: Tu não és o princípio de todas as coisas, porque um dia começastes a ser.* Nem teu pai, nem teus antepassados, pois todos começaram a ser. Nem esta terra, nem estes astros, porque tudo isso começou a ser. Não pode dar aquele que não tem. Não darás o que não tens. Se tudo começa a ser, o que há não veio do nada, porque o nada nada tem para dar. Tudo quanto começa a ser deve ter sido dado por quem o tem.

§ 100 *E como o nada nada tem para dar, quem deu devia ter para dar.* Portanto, no princípio já havia quem tudo tinha para dar, pois tudo quanto surgiu veio de quem tinha, e não do que não tinha. O primeiro de todos é o

dadivoso, que tem tudo. Não podia ser ele um bruto porque: como o bruto poderia dar a inteligência se ele não a tem?

§101 Não poderia ser um inconsciente porque: como poderia o que não tem consciência de si dar consciência aos outros se não a tem?

Como o menos poderia dar o mais?

Homem, o primeiro antes de todas as coisas, é o que tem todas as perfeições porque: como poderia haver perfeições se o primeiro não as tiver? É ele, pois, omniperfeito. É ele omnisapiente porque: como poderia dar saber se ele não tem? Ele é o Pai, porque o pai dá.

§ 102 E como Ele tem todo o bem, Ele é todo o bem; não é Ele composto de outros, porque do contrário não seria o primeiro, mas os outros que o compõem. Nele o seu ser é o seu bem, e o seu bem é o seu ser. Nele o seu saber é o seu ser, o seu ser é o seu saber.

E como é Ele inteligente, porque tudo sabe, Ele quer a si mesmo. Sua vontade não é a nossa, porque a dele é infinita; é assim a sua inteligência e também o seu amor.

§103 Nele, pois, inteligência, vontade e amor são a mesma natureza do seu ser. Ele é vontade, é inteligência e é amor. Como o pai quer o bem de seus filhos, ele quer o nosso bem, por isso é ele Pai. Como é ele a suprema verdade, e quer a si mesmo, é ele a inteligência suprema, e a vontade é a vontade da inteligência, está

nele, é o Filho, porque o filho é filho do pai, como o pai é pai do filho.

§ 104 E como a inteligência e a vontade se unem pelo amor, é ele também amor, por isso é Espírito Santo, porque o amor nele é o mais acrisolado. E uma só natureza, mas com três grandes papéis: o da vontade, o da inteligência e o do amor. São três pessoas numa só natureza. É a Trindade divina de quem vos falo.

Mas, homem que me ouves, tu tens em ti também uma trindade.

§105 Tens em ti a trindade da vontade, da inteligência e do amor. Se em ti tanto a vontade, como a inteligência e amor são perfectíveis, e podem alcançar cada vez níveis mais altos, em teu Deus são infinitos e eternos, e perfectos de todo o sempre.

A tua vontade, a tua inteligência e o teu amor participam também da vontade, da inteligência e do amor infinitos.

§ 106 E à proporção que fortaleces e purificas a tua vontade, e à proporção que exaltas a tua inteligência e acrisolas o teu amor, participas cada vez mais de Deus, do Supremo Ser e Suprema Perfeição.

Ao examinares a ti mesmo, como realmente és, vêes que és feito à imagem Dele.

Ele deve ser teu paradigma, teu exemplo, a medida suprema de tua perfeição. Elevares-te a ele é ergueres a ti em tua humanidade.

§107 Portanto, o teu itinerário é este e à proporção que aumentes a vontade a tua inteligência e o teu amor, dentro de tuas forças, estarás marchando para ele, para o Supremo.

Eu vim para te indicar o caminho. E esse caminho está em ti. Eu estou em ti, porque eu sou o caminho. Eu sou o homem divinizado, não pela ilusão que lhe dá o orgulho, que o faz supervalorizar o que é. Eu sou o caminho do homem, que julgando com justiça o que é, e como inteligência, acha o que deve fazer e pela vontade faz.

§108 Conhecer o que realmente se é, sem supervalorizações do que se é, é ser humilde. Humildade, homem, é reconhecer, na justa medida, o seu verdadeiro valor. Mas não é só isso. É também apreciar com justiça o valor de teu irmão. É reconhecer o que ele realmente vale, respeitar a sua dignidade, reconhecê-la e proclamá-la, sem nunca exagerá-la.

Humildade é dar a si e aos outros o seu verdadeiro valor.

§ 109 Ese reconheceres o teu verdadeiro valor e o dos teus irmãos, podes então encontrar o caminho de tua elevação, pois saberás o que te falta, o de que precisas, o que deverás fazer, pois a tua inteligência, a tua vontade, o teu amor são suficientes para te indicarem o de que carecem.

A humildade, homem, é a moderação justa, prudente e corajosa em reconhecer o seu e o valor dos outros.

§110 Pela humildade tens o caminho para encontrares a mim, que estou em ti. À proporção que cumpras tudo quan-

to é humanamente superior, tu me encontras; à proporção que te afastares de teus deveres, tu me renegas. Não vim para pedir-te impossíveis. A minha cruz não é tão pesada que não possa levá-la qualquer um de vós.

Por isso, bem vês, sou teu mestre, mas sou sobretudo teu amigo.

§111 Se teu Pai ó dadivoso, por que temes que não te dê o de que careces? Não temas pedir, porque pedir é inflamar o teu anelo do bem e da verdade, e quando pedes alimentas em ti a tua própria força e dispões a ti mesmo para facilmente receberes. Ora ao teu Pai, porque, como Pai, ele não deixará de te ouvir. Não temas a sua grandeza nem a sua infinitude, porque tu és feito à imagem de Deus.

§112 Homem, o caminho pelo qual te reaproximarás de Deus, o caminho que novamente te religará a ele, é o da tua elevação. O que espera ele de ti é que realizes em ti as possibilidades mais elevadas que possuis.

Eu sou a tua exaltação. Estou contigo sempre que elevares a tua inteligência, fortaleceres a tua vontade e acrisolares o teu amor.

E eu jamais te abandonarei.

§113 Eu estarei em ti quando cumprires a elevação de tuas virtudes, e darei mais força à tua fé, à tua esperança e à tua caridade.

Sempre que fores virtuoso, estarei ao teu lado. Mas se enfraqueceres, se errares, se cometeres faltas, eu não te abandonarei. Sei que és também fraco, que também des-

faleces. Mas sei que tens em ti tudo para fortalecer os teus propósitos, aumentar as tuas intenções e multiplicar os teus atos justos, prudentes, moderados e corajosos.

§114 Não temas pedir que eu te ajude quando te sentes enfraquecer. Eu sou teu amigo, e estou sempre pronto para te auxiliar. Não violento, porém, a tua liberdade. Se não me quiseres, esperarei por ti, para que um dia te arrependas do que fazes. Mas és livre, e porque és livre, homem, só tu responderás pelo porquê de teus atos, porque quando te perguntares ou te perguntarem pelo que fizeste, a resposta será apenas: porque assim o quis.

§ 115 A minha promessa está em pé. Estarei ao teu lado quando quiseres seguir o teu bem e a verdade, mas se quiseres desviar-te do bom caminho responderás pelos teus atos.

Se sofreres, então, imediatamente ou tardiamente, em tua vida ou em outra, foste tu que te condenaste.

Eu sou a tua salvação e fora de mim, do caminho que te indico, não há outra. Não podes negar que o sabes, porque tua razão te ilumina.

§116 Não podes negar que tens em ti uma sede infinita do bem supremo e da suprema verdade. Essa sede é o teu mais elevado anelo. Não penses que seja vão esse teu desejo, porque ele não vem da tua carne. A tua carne se sacia, mas o teu espírito está sempre desperto para o mais alto.

Tua mente não se reduz à matéria bruta, porque a matéria não é capaz de receber os contrários, já que um

expulsa o outro, nem é capaz de alcançar o universal, porque só recebe a marca que singulariza.

§117 Tua mente é capaz de pensar simultaneamente nos contrários e receber o universal, porque tua mente não é matéria bruta, mas espírito. Tens em ti um princípio espiritual que não é corpóreo, nem material, mas imaterial e criador. Por isso teus sentidos se embotam ante uma sensação mais forte, mas tua mente se aguça ante uma verdade mais alta. Tu és corpo, mas a tua alma é espiritual.

§118 Para que salves a tua alma, para que a ergas cada vez mais alto, tens de ascender também ao mais alto.

Eu sou o caminho. É seguindo-me que te salvarás. Porque, então, terás atingido o ponto mais elevado, e poderás receber cada vez mais o que está acima de ti e ultrapassar os limites da tua natureza, que é a bem-aventurança. Eu te prometo a salvação. E para ela, de início, é mister a fé.

§ 119 É mister a fé, porque não deves temer. E é mister ainda a esperança, porque precisas aceitar valores mais altos, e também a caridade, porque deves amar o bem de teus irmãos.

E aquele dentre vós que ainda não tenha fé, nem esperança, nem caridade, que não se julgue perdido. Eleve-se como homem, realize o mais alto, que o homem pode realizar, e subitamente terá o lampejo da fé, a força da esperança, o ânimo da caridade.

§ 120 *Desse modo, a pouco e pouco, vos religareis a Deus.* Essa é a vossa religião, porque ela está em vós. Eu vim para despertá-la, e salvar-vos em vós mesmos. E como nada peço senão aquilo que podeis fazer, não disse que a minha cruz é demasiadamente pesada. E à proporção que vos erguerdes em direção ao mais alto, cada vez estarei mais em vós. E o que hoje é silêncio em vós se tornará amanhã um clarim que vos despertará para todas as grandezas.

§ 121 *Homem, eu falei efalo ao homem que está em ti, e nada mais.* Crê no Deus dadivoso, vosso Pai. E à proporção que te ergueres, compreenderás que ele te dará a água que saciará a tua sede de verdade e o alimento que saciará a tua fome de bem. Assim, prometes a mim que singrarás este caminho, ou pela voz de teus pais ou pela tua voz. É a promessa que me fazes de te integrares no meu caminho.

§122 *É o teu batismo.* Teu pecado surge de tua capacidade de dizer não, e de tua inteligência desfalecer, e de tua vontade errar; por isso erraste em tua espécie e desobedeceste às normas que te foram dadas e que são da tua natureza.

Mas esse teu pecado não era tão grave, porque provinha de tua fraqueza e da tua concupiscência, e não poderia perder-te para sempre, já que nele não havia malícia.

§ 123 *Por essa razão, desde cedo, podes ser perdoado dele, já que prometes seguir-me e buscar o teu bem verdadeiro.*

Em tuas cerimônias, em teus rituais, buscas expressar, por teus meios, o que compreendeste de mim. Recebe-os, portanto, como piedosas intenções.

Quero que te lembres que não vim para separar, mas para unir. Não vim para falar a uma parte dos homens, mas a todos.

§ 124 O que é essencial na tua religião, porque é tua, já que se funda em tua natureza, e que recebe o meu nome, é tudo quanto te disse até aqui. O que há depois é o que decorre da compreensão desses princípios. Muitos que me seguem separaram, cortaram, seccionaram os grupos humanos, formaram seitas, criaram obstáculos uns aos outros, levantaram montanhas, abriram abismos, fomentaram ódios e pouco amor.

Homem que me ouves, peço-te agora apenas que atentes para estas minhas últimas palavras:

Eu não vim para separar, mas para unir. Para mim não há fronteiras, nem raças, nem castas, nem classes. Para mim há meu irmão, o homem, o meu amigo, o homem, porque vim para abrir o caminho do retorno.

Deveis agora todos pensar, meditar com todas as vossas forças sobre o meu cristianismo, que é o vosso, que é o caminho de vós mesmos, através de vós mesmos e para Deus.

§ 125 Esse caminho sou eu, por isso tomei a forma humana, para que a religião fosse humana e se realizasse através do homem.

Não vos prometi uma salvação que fosse apenas uma dádiva, mas um direito que adquiristes pelo cumprimento dos vossos deveres. Não procurei em vós o

que separa, porque os irmãos que separam deixam de ser irmãos. E como o homem em sua essência é um só, minha religião, que é a vossa, é uma só.

§ 126 *Os que separam em meu nome não falaram em meu nome. Não foram os meus verdadeiros arautos.*

Os que pregaram ódios, criando abismos entre os nossos irmãos, que seguem outros caminhos, e o pregaram em meu nome, falsearam a minha vontade, e não me representaram. A minha linguagem é a vossa linguagem, é a linguagem humana. E onde houver homens, essa linguagem pode ser entendida. Podem outros ter outras normas de proceder, mas todos entenderão essa linguagem.

§ 127 *Se falares aos homens como eu vos falei, todos me entenderão, porque a minha religião é a religião do homem.*

O que separa os homens religiosos e justos não é o que é essencial na religião, mas o que é meramente acidental e transeunte. A verdadeira religião é eterna na vossa duração, que embora passageira, ultrapassará o tempo, porque há em vós algo que está além do tempo. Eu vim para unir a todos num só rebanho.

§ 128 *Eu quero ser e sou o bom pastor, que reúne e não dispersa.* Os que dispersaram fizeram-no contra mim, e não por mim, porque o rebanho que prego é o homem em sua grandeza, que é ser em mim e por mim.

Não deveis temer esse grandioso que podeis realizar. Peço-vos, afinal, que mediteis bem sobre estas minhas últimas palavras.

É a minha voz em ti. Ouvi-as.

§ 129 *O que vos tem separado não são as vossas semelhanças mas as vossas diferenças.*

É inútil querer tornar iguais todos os homens, como se fossem um homem só. O que vos separa não é o essencial, mas o acidental.

Eu sou a vossa semelhança, e verdadeiramente em mim todos poderão encontrar-se.

§ 130 *Não negues teu irmão porque ele é diferente de ti, se em mim também tem ele o seu ponto de encontro.*

Lembra-te que se ele não guarda os mesmos dias e não usa os mesmos ritos que os teus, mas se encontra em mim contigo, é ele semelhante a ti, é teu próximo, é teu amigo e é teu irmão.

Não encontraremos o ponto de encontro das espécies se as quisermos reduzir a uma espécie só.

§ 131 *As espécies têm seu ponto de encontro no gênero. É no que há em comum em todos vós que vos unireis. É no Entendimento, na Vontade e no Amor que estais todos prontos a vos encontrardes.*

E não esquecei nunca que eu sou a presença do Entendimento, o testemunho da vontade do Pai e afirmação do Espírito Santo do Amor.

§132 *Se falares essa linguagem ao irmão de outra seita e ele não sentir vibrar seu coração em uníssono contigo, ora por ele, porque está ele afastado em mim.*

Não basta ter o meu nome nas suas bocas, é mister que eu esteja em seus atos e em suas intenções.

A religião a qual destes meu nome é a religião do homem, e não de uma parte dos homens.

Um cristianismo assim não pode gerar seitas.

§ 133 *Compreende, meu amigo, que não construirás a tua vida melhor se tua mão não servir para apertar a mão de teu irmão, e para ampará-lo, como ele deve amparar-te também. Enquanto vós todos não compreenderdes que sois partes de um todo só, e que o bem que fizerdes deve dele também participar o vosso irmão, porque o mal que fazeis também se expandirá, não estarei ainda entre vós. Amai-vos uns aos outros.*

§ 134 *E nessa ação deveis lembrar-vos sempre que há algo em comum que deveis respeitar em comum. Praticai o bem aos outros, para que me encontreis em vosso irmão. Não vos peço que sejais benevolentes demais mas, sobretudo, justos.*

Exigi as obrigações que cada um deve, mas não esqueçais nunca dos seus direitos. E estes devem ser proporcionados àqueles, e nunca maiores nem menores.

§135 *Em mim, todos podem encontrar o seu ponto de convergência, porque eu sou o ápice da pirâmide.*

O meu caminho é o do homem concreto em sua total realidade, com suas misérias e suas grandezas.

Só por este caminho haverá homens de boa vontade. E só, então, reinará a paz entre os homens, porque a paz só poderá reinar entre os homens de boa vontade.

Antes deles surgirem é inútil falar em paz.

Não esqueças que sendo Deus o princípio de todas as coisas, todo o poder vem dEle. E dEle vem o poder

que tens, mesmo aquele que aumentas graças à tua vontade, porque sem Ele tu não a terias.

Não te orgulhes de tua força, do teu poder e das tuas vitórias, a ponto de esqueceres a fonte perene que te as deu, julgando que és apenas produto de ti mesmo.

Este orgulho, homem, por ser falso, dele te afasta. Esta a razão por que deverás afastar de ti esse erro. E à proporção que o afastes serás, por isso, mais humilde, e com justiça.

Não é a paz que gera os homens de boa vontade, mas os homens de boa vontade que gerarão a paz.

E a boa vontade é a vontade assistida pela inteligência que é prudente, que é moderada, que é justa e corajosa.

A boa vontade é a que é alimentada pela fé, pela esperança, e fortalecida pela caridade.

É possível ao homem elevar-se em intensidade e amplitude.

Portanto, irmãos, o que vos peço é que para serdes e estardes em mim, é mister que sejais como eu.

E eu sou a grandeza do homem ao marchar para Deus, e ele marcha para Deus à proporção que me realiza e se realiza, e me realiza e se realiza à proporção que se ergue no que é constitutivo da sua humanidade.

Eu sou a voz de Deus na Humanidade, e vós sois os itinerantes do caminho de Cristo para Deus.

Vinde até mim, irmãos e amigos, de todos os países e de todos os tempos.

Eu sou a consciência humana amparada e iluminada por suas forças a caminho de Deus.

Vinde, irmãos. O pai vos espera de braços abertos, porque Ele é vosso pai.

Cristianismo: a religião do homem

§ 1 *O cristianismo não é unia religião cultural, porque não depende de uma cultura determinada.* Uma religião cultural é a religião que pertence especificamente a um círculo cultural, como observamos no bramanismo; o cristianismo não é uma religião dessa espécie, porque é universal. Seus fundamentos, como passaremos a demonstrar, não pertencem à esquemática de um ciclo determinado da cultura humana, mas sim à esquemática do homem enquanto homem, por isso não pode enquanto tal tender apenas para a esquemática daquela cultura determinada, mas sim da própria natureza do ser humano. É uma religião natural do ser humano, enquanto consideramos a sua natureza, não apenas a sua parte corpórea, mas também a sua parte psíquica e espiritual. Não é uma religião racial porque não depende de qualquer raça, seria um erro julgar que fosse apenas uma manifestação, um estágio posterior do mosaísmo e que se constituísse propriamente numa religião hebréia ou judaica, absolutamente não. Formou-se e surgiu numa determinada área racial e cultu-

ral, mas isto não quer dizer que não pertença à parte mais genérica do homem do que as partes mais específicas. Não é uma religião racial, não está ligada à raça judaica, está ligada ao homem enquanto homem. Não é também uma religião de casta, porque as castas podem formar as suas religiões e as têm formado, mas o cristianismo nunca foi religião de castas, nem de estamento, nem de classe, porque não depende de nenhum deles para ser. Ele não se formou, não se desenvolveu dentro de uma classe para depois avassalar as classes ou subordinadas ou subordinantes, e não surgiu como uma religião de classes, mas como uma religião do homem, por isso é a religião do homem concreto, do homem tomado em sua totalidade, do homem corpo e espírito, do homem *soma e sema*, do homem que é corpo e alma e por isso independe inclusive do tempo. Poderia surgir em qualquer instante de tempo, não está determinado às condições históricas em que surgiu, poderia ter surgido antes, como poderia ter surgido depois, as suas possibilidades não dependem das condições históricas.

§2 *O cristianismo não é uma religião que surja apenas da síncri-se de muitas religiões, porque oferece aspectos que lhe são próprios, peculiares e sui generis.* O cristianismo não é apenas, como querem muitos ver, uma reunião dos cumes das diversas religiões ou uma religião meramente sincrética; não é uma religião nem sincrética nem apenas sincrética, porque, embora tenha os aspectos superiores de todas as religiões, oferece aspectos que lhe são próprios, peculiares e *sui generis*; e

porque apresentou pensamentos novos, soluções novas a velhos problemas, trouxe uma mensagem, sem dúvida alguma nova, uma boa nova, que é propriamente a palavra do Evangelho, e esta característica do cristianismo o torna, como religião, completamente distinta das outras. Ainda que os pontos altos de todas as religiões nele se concrecionem, não é um novo avatar de uma crença, porque não se reduz totalmente a nenhuma outra; não se pode dizer que é uma manifestação do judaísmo, do mosaísmo, nem tampouco do budismo, do pitagorismo, muito embora encontremos raízes do cristianismo nos essênios, nos pitagóricos, na escola de Melquisedeque, nos judeus, nos árabes e nos egípcios, e também no pensamento hindu, no Tibete e em todos os povos.

O cristianismo não é um novo avatar, não é uma nova possibilidade dessas religiões, não é uma crença que apenas está repetindo o que já foi pensado e também não se reduz conseqüentemente a essas outras crenças; não se pode apenas defini-lo como sendo uma dessas crenças, ele apresenta as suas peculiaridades, apresenta as suas propriedades que são únicas, exclusivas da sua doutrina.

Já afirmamos mais de uma vez que o cristianismo é a religião do homem concreto. É a religião do homem tomado no seu aspecto superior, isto é, o homem na sua espiritualidade, o homem considerado como um ser que possui uma vontade livre, um entendimento capaz de compreender todas as coisas proporcionadamente às suas condições e capaz também

de alimentar um amor imenso que aproxime e vença todos os obstáculos. Este é o cristianismo.

§ 3 *Todas as religiões têm os seus cumes e os seus vales; todas as religiões ascendem ao Ser Supremo através de suas piedosas intenções e de suas práticas.* Temos de reconhecer, sem dúvida, que há em todas as religiões um ímpeto, um afã, um anelo digno, nobre e respeitável, todas procuram ascender ao Ser Supremo, procuram compreendê-lo, procuram amá-lo; se muitas apenas o temem, se muitas apenas são produtos do temor ao poder do Ser Supremo, entretanto temos de reconhecer que há em todas um desejo de compreender e de amar o Ser Supremo e todas estabelecem práticas que, sem dúvida alguma, revelam piedosas intenções. Todas as religiões têm os seus momentos altos, mas também todas têm os seus momentos baixos; todas têm os seus vales, têm as suas depressões, apresentam aqueles instantes em que a mente humana vacilou, em que a mente humana claudicou, em que a mente humana não foi capaz de compreender a grandeza, a mente humana não foi devidamente assistida, ou não tendo em si os meios de vencer a sua deficiência também não teve o apoio fora de si; mas o cristianismo, como dizemos no texto, reúne esses cumes e os dirige para o transcendente, eis o ponto fundamental. O cristianismo jamais é uma religião apenas da imanência, ele reconhece a imanência, mas torna-se transimamente, parte para o transcendente, coloca o Ser Supremo acima de todas as coisas; o cristianismo, afastando-se do panteísmo, afastando-se das visões em que prende o

homem dentro da imanência, as quais tendem a unificar as coisas que são análogas, realiza esta transcendência através do homem concreto, isto é, sem necessidade de negar o homem, sem necessidade de desmerecê-lo, sem necessidade de diminuí-lo, parte apenas do homem como ele é, em toda a sua onticidade, para erguer-se e alcançar este transcendente.

O homem o que é? Diz o texto: é o viandante que se encaminha para lá, sem precisar negar-se, nem aniquilar-se, nem trair-se.

O cristianismo não promete, não pede apenas a aniquilação da personalidade humana, não pede a submissão total do homem, não promete a aniquilação do indivíduo, não afirma que as nossas determinações pessoais sejam inúteis, de tal modo que possam nos tornar infelizes; o cristianismo afirma que podemos salvar-nos, mantendo e contendo-nos dentro de nossas próprias determinações; é uma religião pessoal, da pessoa humana, é uma religião do homem na sua concreção. Ela não pede que o homem se submeta, que o homem se aniquile, que o homem se entregue; pede que o homem escolha pela sua vontade livre e pelo amor purificado aquilo que o transcende e o supera, ao qual deve novamente ligar-se pela sua natureza, mas não está religado pelo seu espírito, que não está religado pela sua vontade, que não está religado pelo seu entendimento; a verdadeira religião não é a nossa religação às coisas do mundo, porque podemos pertencer ao mundo como pertencemos, podemos também ser partes deste mundo, estar sujei-

to às leis cósmicas, mas a nossa vontade, a nossa inteligência podem rebelar-se; podemos pela vontade de-sejar não pertencer a este mundo, podemos lamentar estar dominados por estas leis, poderíamos constantemente anular uma libertação dessa sujeição, neste caso desejaríamos desligarmo-nos completamente deste, afastarmo-nos dele e não estar submetido às suas leis. Na religião cristã o homem novamente religa-se a Deus, mas religa-se compreendendo que este religamento não é mais para ele uma prisão, mas é a abertura para uma nova liberdade; a sua salvação não é apenas uma entrega, não é uma submissão, não é um aniquilamento, não é uma anulação de si mesmo, ao contrário, é a elevação de si, é a sua mais alta afirmação, é a aquisição dos maiores poderes para que possa, então, plenamente afirmar-se, a afirmação da sua personalidade, da sua vontade; este anelo para o afirmar do bem e do seu entendimento, este anelo cheio de vontade da verdade, tudo isso poderá se unir nele para que se eleve, para que se engrandeça, para que atinja as raias do transcendente.

§4 *Â* *proporção que o homem afirmar a si mesmo, entender a sua concreção, compreenderá o seu destino e o seu sentido, e aproximar-se-á cada vez mais do transcendente.* O cristianismo não é uma religião apenas do sentimento, é uma religião também da inteligência, e sobretudo da vontade e da inteligência, e esta é a sua grandeza. A grandeza por quê? Porque todas as outras religiões de todos os tempos não exigiram do homem um esforço tão grande. O cristianismo exige que o ho-

mem, à proporção que afirme a si mesmo, afirme a sua natureza, afirme a sua vontade, afirme o seu entendimento; à proporção que entenda a sua concreção, entenda o que realmente é, então compreenderá o seu destino e compreenderá o seu sentido, e só nesse momento, quando tenha a plena compreensão do que é e do que pode ser, é que aproximar-se-á cada vez mais do transcendente. O cristianismo, diz o texto, é a religião que afirma que o homem se salva à proporção que se torne concretamente mais ele mesmo. O cristianismo afirma que a salvação do homem se dá através do próprio homem. Assim é preciso que se entenda que ele necessita de algo mais que o auxílio, e isso lhe foi dado, para que ele pudesse percorrer os caminhos interiores que o levaria ao ser transcendental.

O cristianismo vai afirmar que a salvação do homem é uma obra humana, é também uma obra que o homem pode realizar porque ele já tem, já lhe foi disposto tudo quanto é necessário para que possa compreender devidamente as suas possibilidades e que possa executar o que deve fazer para alcançar o seu maior desiderato.

§5 *É assim o cristianismo a religião do homem concreto, porque não deve este nunca negar-se, não deve este nunca menosprezar o que tem de positivo, não deve nunca descreer de suas próprias possibilidades perfectivas, nem de que pode atualizá-las.* O cristianismo é a religião do homem concreto porque inclui o homem dentro do seu *soma* e do seu *sema*, dentro do seu corpo e da sua alma, não deve jamais menosprezar o que tem de posi-

tivo, nem do que pertence ao seu corpo, nem do que pertence a sua alma; ele nunca poderá descrever de suas próprias possibilidades perfectivas, isto é, da sua capacidade de atingir situações cada vez superiores, nem de que é capaz de atualizá-las, porque toda vez que ele desmereça a si mesmo, que descreia de si mesmo, estará procurando anular plenamente aquilo que possui na realidade, será inútil esse seu esforço, será apenas querer esconder aos seus olhos a realidade palpitante de si mesmo. Ele precisa, portanto, afirmar-se; o cristianismo não se constrói através de negatividades, constrói-se apenas através de positivities e de afirmação, e o ser humano jamais deve esquecer isto: que ele pode atualizar cada vez mais a perfeição, pode tornar-se cada vez mais perfeito, como aquele que é sábio pode tornar-se cada vez mais sábio, como aquele que é forte pode tornar-se cada vez mais forte. Diz o texto: o cristianismo é assim uma promessa que se realiza através de nós, e só exige de nós que ofertemos o melhor de nós e o mais humano de nós. Ele não exige o impossível, não exige de nós o sobrenatural, só exige que ofertemos o que temos de melhor, o que temos de mais humano, a grandeza do nosso corpo e a superioridade do nosso espírito, a sublimidade da nossa inteligência e a força descomunal da nossa vontade e também o ímpeto dominador do nosso amor.

§6 O verdadeiro cristão conhece o que há de positivo e negativo em si mesmo. O verdadeiro cristão precisa conhecer-se, precisa conhecer as suas grandezas e as suas pequenezes, precisa conhecer quando é gigante e quando

é pigmeu, quando é forte e quando é fraco, precisa verificar os momentos em que é capaz de elevar-se e aqueles em que é capaz de diminuir-se. Ele deve saber que é um ser carente, um ser deficiente, e aqui está a sua humildade: no reconhecimento da sua deficiência. Esta humildade não está exigindo dele que ele desmeça além do normal, mas que tenha a nítida consciência da sua deficiência e mais, que saiba que anela o supremo bem e a suprema verdade. Ele precisa saber também que todo o seu ímpeto, todo o seu querer dirige-se para um fim que lhe seja bom, e o fim que deseja, que poderia apaziguar, tranquilizar totalmente o seu anelo, seria o Bem Supremo.

Ele tem que ter consciência de que é um ser anelante do bem supremo, e também é um ser anelante da verdade suprema, aí está a sua grandeza, nisso ele pode orgulhar-se, assim como tem que compreender humildemente também as suas deficiências. Termina o texto: mas sabe sobretudo que tem em si mesmo um anelo capaz de promover todas essas vitórias, quer dizer, ele, então, compreende o verdadeiro cristão, compreende e sabe que possui em si forças suficientes para promover nele a vitória sobre as suas deficiências, a nítida compreensão do supremo bem e da suprema vontade, da suprema verdade, de modo que possa orientá-lo a conquistar a vitória que ele almeja, que ele deseja, que ele aspira, que é alcançar a transcendência.

§7 O verdadeiro cristão tem fé em suas forças, esperanças em suas possibilidades, e a sua verdadeira caridade vai consistir em dar ao que carece a força que lhe falta, es-

timular o que vacila ante a dúvida, animar o que desespera, dar o alento ao que fraqueja, amar além de si mesmo. Eis o que é o verdadeiro cristão: ele tem fé em suas forças porque ao conhecê-las sabe de quanto são possíveis, tem esperanças nas suas possibilidades porque são reais, e a sua verdadeira caridade, o seu verdadeiro amor ao amor vai consistir em dar ao que carece a força que lhe falta, estimular o que vacila ante a dúvida para que se liberte dela, animar o que desespera para que não se abisme no desespero, dar alento ao que fraqueja para que não seja finalmente vencido, e amar além de si mesmo, amar o bem superior e a verdade suprema, e por amor a esse Bem Supremo e a essa Verdade Suprema espargir este amor aos seus semelhantes. Conclui o texto: o verdadeiro cristão não está só porque sabe que o seu semelhante lhe é igual e como ele também destinado para a grande façanha. E este é o verdadeiro sentido do cristianismo: não é uma religião do homem isolado, é uma religião do homem que compreende e sente a sua personalidade, mas sabe que também há em seus semelhantes outras personalidades iguais à sua, que sofrem das mesmas fraquezas e das mesmas carências, e que são animados pelo mesmo amor e pelo mesmo anelo, que estão com ele destinados a realizar uma grande façanha: conquistar este grande desiderato, porque só assim ele se sentirá não só mais forte, como dará mais força aos outros e poderá auxiliar melhor a que os outros conquistem aquilo que é o seu maior desejo.

§ 8 *Por isso o verdadeiro cristão se solidariza com seu próximo e busca torná-lo cada vez mais próximo ao seu coração e ao seu amor.* O próximo não é aquele que apenas se coloca mais junto a nós no espaço, mas aquele que se coloca mais junto a nós, à nossa alma, à nossa mútua compreensão; próximo é aquele que está cada vez mais próximo ao nosso coração, aquele que está cada vez mais próximo ao nosso amor, isto realiza o verdadeiro cristão. E prossegue o texto: o verdadeiro cristão sabe que é um viandante que anela alcançar a morada final de seu descanso, mas que será o início de sua superação, e sabe, também, que seu braço deve estender-se ao mais fraco, e que a sua inteligência deve servir para dissipar trevas.

O verdadeiro cristão sabe que é um viandante, que percorre uma longa caminhada, que anela alcançar uma morada final, onde apazigúe o seu corpo e o seu espírito, e esta caminhada, esta longa caminhada em busca da morada final é o início da sua superação; e sabe também que necessita estender o braço ao mais fraco e a sua inteligência deve servir para dissipar as trevas que impede ao seu próximo de compreender a si mesmo, de conhecer as suas possibilidades de superação, de compreender as possibilidades de atualizações perfectivas que o poderão erguer cada vez mais alto. O verdadeiro cristão não é aquele que apenas busca salvar a si mesmo, ajudar a si mesmo, mas sobretudo aquele que procura ajudar ao seu semelhante, ao seu próximo, aquele que será cada vez mais próximo, será finalmente o seu irmão.

§ 9 *Perguntareis: mas provareis a validade do que afirmastes? E esperais de mim uma resposta. Contudo, não vos darei uma, mas várias. Só espero que com elas eu dissipe as vossas dúvidas, desfaça a vossa descrença, reavive as vossas esperanças, e que possais, assim, seguir a vossa via confiante. Se assim for terei consumado o melhor de mim mesmo. É o que o texto promete fazer, é o que o texto fará nos parágrafos seguintes.*

§10 *Em primeiro lugar, vós bem sabeis quem é o homem. Ele afirma que nós conhecemos a nós mesmos; nós temos, pelo menos, um conhecimento do todo de nós mesmos, e prossegue, desejam enganar-se aqueles que se põem a perguntar quem somos nós. Continua o texto: eles bem sabem que não somos como as pedras do caminho, nem como as plantas das montanhas, nem como as flores dos prados, nem como os animais das selvas, nem como os pássaros que voam e os peixes do mar, eles bem sabem que não somos nada disso. Este saber consiste em não nos confundir com as outras coisas do mundo, porque o homem é algo único no mundo, algo que deve ser olhado na sua unicidade e no seu ineditismo.*

§11 *Não somos como as pedras, porque vivemos; não somos como as plantas, porque sentimos; não somos como os animais, porque pensamos. Todos sabem que não somos aqueles, porque somos capazes de pensar e somos capazes de errar, porque experimentamos e falhamos e porque tentamos e acertamos. Sabem que somos homens e que ser homem é ser um ente que pensa. Todos sabem disso, mesmo os que mentirosamente pergun-*

tam: quem somos nós? Nós sabemos perfeitamente, portanto, que somos um ser que pensa, mas somos também um ser que ama, um ser que sofre.

§12 Todos eles sabem que os animais vivem e morrem como sempre viveram e sempre morreram. E sabem que o homem construiu novas vidas sociais, criou instrumentos com os quais rasgou as carnes da terra e penetrou na imensidão dos espaços. Todos sabem que o homem criou uma linguagem, criou linguagens distintas para que as suas almas se debruçassem nas almas de seus semelhantes, mas que também criou ódios e divergências, seitas que separaram irmãos, barreiras que serviram para aumentar as suas misérias. Estamos aqui assistindo ao relato de tudo quanto é o homem na sua grandeza e na sua pequenez. Aqueles que perguntam quem somos nós sabem muitas respostas a esta pergunta.

§13 O homem atravessou os séculos e os milênios sempre o mesmo, mas sempre diferente e vário. Um ser pensante sempre, mas constantemente criador, nenhum homem que pense bem sobre tudo isso deixará de reconhecer que o homem é um animal que pensa, um animal dotado de uma razão e de um entendimento, um ser capaz de valorar o seu mundo, de dar-lhe mais valor ou de desmerecê-los. Ele está assim mostrando como nós bem conhecemos o homem, e a pergunta “quem somos nós?”, feita com segundas intenções, não procede.

§14 Sim, o homem não se apossa apenas das coisas, mas julga-as, considera melhores ou piores que outras, mais con-

venientes ou não, compara-as em seu valor e estabelece uma hierarquia nas coisas do mundo segundo os graus de valor que lhes dá. O homem sabe julgar as coisas, o homem é um ser que valora, é um ser que empresta valores, que dá e tira valores, um ser que hipervalora e hipovalora, e com isso termina o texto. E isso porque o homem prefere e pretere as coisas que lhe surgem, o mundo não lhe é indiferente. O mundo não nos é indiferente, portanto.

§15 Tanto a preferência como a preterição é uma quebra da indiferença humana. E essa operação de avaliar as coisas o homem a faz julgando os seus valores e as suas possibilidades. Tudo isso prova que o homem tem a capacidade de julgar as coisas e de avaliá-las, também os animais revelam possuir uma capacidade semelhante. O homem é capaz de julgar as coisas e de avaliá-las, também os animais julgam-nas e avaliam-nas pelos seus instintos.

§16 Mas, no homem, ela procede diferentemente por ser mais complexa. É que não somente avalia as coisas segundo a conveniência ou não que elas representam para ele, mas as avalia além do que elas revelam aos seus sentidos. Ele as julga pelo que elas são, pelo que elas serão capazes de proporcionar, pelo valor das suas possibilidades quando atualizadas, pelo significado mais profundo que elas possam ter. Ora, de nada disso é capaz o animal. Sim, porque o animal apenas avalia as coisas que sente se lhe convêm ou não convêm, delas se aproxima ou delas se afasta, mas o homem avalia nas suas possibilidades,

avalia nos valores que elas poderão ter. Quando atualizando estas possibilidades e que possibilidades posteriores decorrerão daí, ele pode ainda avaliar o significado mais profundo que elas possam ter, e nada disso é capaz os animais. Cada vez sabemos mais o que é o homem.

§17 É que nessas avaliações do homem já penetra a inteligência, a capacidade de construir conceitos, de formular idéias, de promover raciocínios. De nada disso são capazes os animais. Ora, tudo isso são perfeições de que carecem os animais, a perfeição é a manifestação do próprio ser, porque atualiza algo que podia ter e, quando o tem, o ser se torna mais perfeito, mais acabado. Não há necessidade de comentários, este parágrafo é de uma clareza meridiana.

§18 Assim a criança, que ainda não fala, poderá um dia falar, e nesse dia terá mais uma perfeição humana. É como a semente na terra da qual se gera o arbusto, e o arbusto do qual se gera a árvore frutífera, e desta, o fruto precioso. Tudo isso são perfeições, são acabamentos do ser, que se torna, assim, mais perfectivo do que antes. A inteligência, no homem, é assim, a sua grande perfeição, já que é ela que o distingue dos animais. Aqueles que dizem que nós nada mais somos do que animais, que nós em nada o superamos, mentem. Mentem e caluniam a si mesmos, negam as suas próprias perfeições, negam a evidência que a sua própria experiência lhes dá, são mentirosos impossíveis e o mentiroso impossível é um louco, é aquele que quer enganar a si mes-

mo, é aquele que quer mentir a si mesmo, só o louco pode desejar fazer isto. E eles fazem.

§19 Mas se prestardes bem a atenção, vereis que o homem é um ser capaz de adquirir sempre novas perfcções e de ampliar as que já possui e superá-las por outras maiores. Pode-se ensinar a um animal correr mais veloz do que outros, não, porém, que seja mais inteligente que seus semelhantes. Pode-se domesticar e amestrar um animal para que faça acrobacias extraordinárias, nunca, porém, para que ele entenda a página de um pensador. Não somos como os animais. Se temos algo em comum com eles, temos algo que nos faz erguermo-nos acima deles. Nós possuímos as perfeições animais, mas também possuímos as perfeições humanas, somos homens, não esqueçamos isto: somos homens. E o cristianismo começa no “principium”, momento em que cada um de nós compreende esta grande verdade: somos homens, somos diferentes dos animais, temos, portanto, um outro sentido e um outro significado, não caberá portanto a nós um outro dever? E uma outra façanha? Será que apenas nos caberia vivermos como animais? Ou vivermos como homens? Esta pergunta se impõe. E esta pergunta vai receber a sua resposta, porque o cristianismo é a verdadeira resposta a esta grande pergunta.

§ 20 Não nos preocupará se o homem é capaz de tornar mais perfectíveis os seus sentidos ou os seus músculos, porque isso também poderíamos obter com os animais. O que nos preocupa agora é que podemos tornar o homem mais sábio e conseguir que seja mais apto para enten-

der, para pensar, para criar, e principalmente porque esta capacidade pode ser ampliada por nós. Esta é a grande realidade que se coloca ante os nossos olhos. Somos capazes de cada vez ser mais sábios, somos capazes de desenvolver o nosso entendimento, somos capazes de cada vez meditar e pensar melhor, somos capazes de cada vez dominar mais as coisas, criar maiores meios para que a dominemos e nos libertemos das nossas deficiências físicas. E sobretudo, o que temos de nos preocupar é que esta capacidade pode cada vez mais ser ampliada por nós, e esta é também a nossa grande responsabilidade.

§ 21 *Nós também somos obras de nós mesmos, nós também criamos algo de nós mesmos, nós também somos frutos do nosso próprio esforço.* É preciso que não esqueçamos isto, é preciso que nunca nos deslembremos de que não são apenas os nossos pais nem os nossos mestres que nos fazem, somos nós também que cooperamos na realização, na edificação de nós mesmos; nós também somos esses frutos do nosso próprio esforço, e essa é a razão maior da nossa grande responsabilidade, porque somos capazes de atingir formas perfectivas cada vez superiores em nós mesmos pela nossa própria ação. Prossegue o texto: é assim o homem um ser capaz de erguer a sua inteligência, de torná-la mais poderosa, de ampliar o campo de sua ação e mais seguros os resultados obtidos. O homem tem assim, à frente de si mesmo, a si mesmo, à espera do seu próprio esforço. Nós somos objetos à nossa própria disposição, para que nós realizemos o maior que nos é possível.

§ 22 *Mas que fazemos quando entendemos alguma coisa? Sabemos que ela é isto ou aquilo. E que é o saber senão ter notícia de alguma coisa? Sabemos que este objeto é uma esfera, porque é, em sua forma, como o são as outras esferas; mas outras são esferas, porque todas elas são o que nós consideramos esfera. Este é o conceito, é o que conceituamos de todas as coisas, o que captamos das coisas e com que as classificamos. Então sabemos o que as coisas são, quando sabemos qual é o seu conceito. Os animais não têm o conceito das coisas, não são capazes de construir um conceito, apenas podem saber se as coisas se dão ou não, se dão na sua existência, mas não têm nenhuma noção do que elas são, podem ver esta mesa, mas jamais saberão que isto é uma mesa.*

§ 23 *Mas este saber não é o único ao qual alcançamos. Nós sabemos mais quando sabemos por que uma coisa é o que ela é. Podemos conjecturar que atirando uma semente à terra dela nascerá um arbusto, depois uma árvore que nos dará frutos. Mas se não sabemos de que é essa semente, não saberemos ainda quais frutos poderão vir. Quando sabemos do que depende as coisas realmente para serem, sabemos muito mais. Esse saber das coisas, por suas causas, é a ciência. E a ciência é do homem. É uma realização do homem.*

§ 24 *Como somos capazes desse saber, somos capazes de criar a ciência. E essa ciência será perfectivamente mais completa, quando sabemos quais as provas ou demonstrações que podemos apresentar para dizer as causas das coisas, que são aquelas que infundem ser nas coisas, aquelas das quais as coisas dependem realmente para ser. Somos ca-*

pazes de realizar essa perfeição da ciência e sabemos que ela é também perfectiva, pois podemos torná-la mais completa pelo melhor conhecimento das causas. O ser humano tem assim a possibilidade de criar a ciência e de torná-la cada vez mais perfectiva. É uma possibilidade que ele a tem, e não a tem os animais; é algo que pertence à natureza humana enquanto humana, não à natureza animal enquanto animal. E isto é importante porque, por possuímos este poder, podemos dominar o mundo, podemos vencer as coisas, podemos melhorar para nós a nossa própria existência. Mas temos uma grande responsabilidade por isto mesmo, porque somos capazes também de usar essa ciência para o nosso mal, em vez de ser para o nosso bem, de desviarmos do nosso verdadeiro caminho e levarmo-nos para caminhos transviados que nos podem trazer prejuízos maiores. E isto acontece quando erramos, quando não sabemos avaliar devidamente as possibilidades, e isto porque nos descuidamos, porque não prestamos a devida atenção às nossas apreciações ou porque elas não são conduzidas com o verdadeiro espírito que deveria animá-las, por isso nós somos responsáveis. Mais adiante veremos, como o texto nos resolve estes problemas.

§ 25 *Além de um saber que adquirimos com a prática, há um saber que adquirimos culturalmente, quando especulamos com as idéias.* Somos, assim, capazes de construir uma ciência prática e uma especulativa. Sim, nós, seres humanos, podemos com a prática, com aquilo que os gregos chamavam a empíria, adquirir uma série de co-

nhecimentos. Mas quando nós tomamos esses conhecimentos e os entrosamos, os connexionamos, verificamos as suas relações com os outros, as suas semelhanças, as suas dependências de uns e outros, os seus graus de subordinação e de subordinantes e de subordinados, seus graus de implicância, de complicância, de pertinência ou de impertinência com outros; vamos a pouco e pouco teorizando esses fatos, vamos dando a eles uma conexão que os teoriza; construímos, então, o saber teórico, um saber teórico, no qual vamos espelhar as coisas da nossa experiência, mas vamos correlacioná-las e por isso vai se chamar um saber especulativo. A ciência prática é uma criação verdadeiramente da nossa vontade, do nosso esforço, da nossa *práxis*, da nossa ação, do nosso drama humano; mas a ciência especulativa é uma criação do nosso entendimento, é uma criação da nossa inteligência, quando especula sobre os nexos, sobre aquilo que correlaciona e que interliga os fatos e que penetra mais profundamente neles. E porque somos capazes de fazer tais coisas, em primeiro lugar, temos que compreender que não nascemos com a ciência, mas que a adquirimos; é do que captamos com nossas experiências que vamos construir depois um saber culto.

§ 26 *Na verdade, tudo isso sabemos. Sabemos, assim, que é essencial e que temos algo que constitui o nosso haver. Como haver no latim é habere, e daí vem hábito, o que se adquire e se tem, pode-se dizer que a ciência é um hábito, porque a adquirimos, e depois a conservamos, como a ampliamos. Tudo isso é uma obra do homem,*

graças ao seu entendimento, mas só entendimento não lhe daria a ciência, e por quê? Pergunta o texto. E o texto responde:

§ 27 *Quando o homem quer saber, ele quer ter uma notícia.* Ora, esta indica o que ele obtém intelectualmente da coisa se ajusta ao que a coisa é. E quando assim sucede, ele diz que tal adequação é verdade. Assim ele diz que esta pedra é verdadeiramente pedra, porque esta se ajusta ao que é pedra. Mas a verdade do homem é diferente desta.

§28 *A verdade para nós apresenta sempre adequação entre dois termos, em que pelo menos um desses termos é o intelecto. Há assim verdade para nós, quando nosso intelecto se ajusta ao que dizemos que a coisa é. Esta pedra é para nós verdadeiramente pedra porque o que ela é se ajusta ao que dizemos que é pedra. Assim nosso intelecto se ajusta com as coisas.* E por isso nosso intelecto pode conhecer a verdade das coisas, dentro naturalmente da relatividade dessa adequação proporcionada a esta adequação.

§ 29 *Quando examinamos o animal, notamos que ele tende com intensa disposição para a sua natureza. E como se todo ele pedisse o que lhe convém. Essa fome é um ímpeto para o que deseja. Esse ímpeto que o move para o que lhe convém chamaram os latinos de apetite e os gregos de "oréxis". Na nossa ciência ainda hoje se fala em apetite e em oréxis. O animal tem apetite para o que é conveniente a sua natureza animal.* Assim há em nós, como há nos

animais, um pedir ao que está distinto de nós; o algo para que nós nos dirigimos, a este apetite que os gregos chamavam “oréxis”, que é um anelo de todo nosso ser, dele participa os animais, como nós também.

§ 30 *Mas o homem também é movido por uma “oréxis” para o que é conveniente a sua natureza considerada estaticamente (enquanto em si mesma), dinamicamente (enquanto no desenvolvimento de suas possibilidades) e cinematicamente (enquanto na interdependência das suas relações com os outros). Assim, há uma oréxis no homem, como há no animal, porque o homem também é animal. Mas há outro aspecto nessa “oréxis” que é importante salientar, e que passa a ser salientado pelo § 31.*

§31 *É que o homem tem um entendimento do qual carecem os animais. E por essa razão sua “oréxis” toma aspectos diferentes e dirige-se para fins mais remotos, e não perfeitamente determinados. O cavalo pode buscar a água que apaziguará a sua sede ou o pasto que saciará a sua fome. O homem também pode buscar a água para a sede do seu corpo e o alimento que o amparará. Mas porque é capaz de construir uma idéia, ele aspirará a alguma coisa a mais, que não se determina assim tão simplesmente.*

§32 *O homem não tende apenas para este bem próximo mas tende para o bem. Bem é tudo quanto é bom. Bem é tudo quanto é apto a satisfazer a exigência de uma natureza. Bem é para o homem tudo quanto é bom para satisfazer as exigências de sua natureza. O animal tende para esse bem próximo, mas o homem tende também para um bem remoto. E como é capaz de conceituar a perfeição, o*

homem tende para o bem perfeito, o Supremo Bem. Esta é a característica do homem, ele é levado aos bens próximos, mas pode buscar bens cada vez mais remotos, até um remotíssimo bem que é o bem supremo, o bem final, o bem que será o bem que lhe dará a satisfação plena de tudo quanto aspire a sua natureza. Ele é capaz de conceituar esta perfeição, é capaz de vivê-la, é capaz de imaginá-la e de senti-la, e é capaz também de ter dela a plena consciência da sua verdade. Mas as respostas a estas perguntas virão depois.

§33 *E assim como o homem tende para o Supremo Bem tende ainda para o Supremo Verdadeiro, porque não lhe satisfaz as verdades próximas que encontra, pois quer alcançar a verdade final, a verdade perfeitíssima, a verdade suprema. Há assim, no homem, graças ao seu entendimento, duas oréxis, a que tende para o bem supremo e a que tende para a verdade suprema. E assim como o animal é determinado ao seu bem, é o homem determinado ao seu bem supremo.* Sem dúvida, anima todos os homens o anelo de um bem supremo e de uma suprema verdade. Não se argumente com aqueles que desesperaram em meio do caminho, foram os que enfraqueceram, foram os que não sentiram forças suficientes para prosseguir na sua via, foram os decepcionados, por quaisquer acontecimentos, que não souberam compreender nem superar, foram os que caíram vencidos, mas que precisam do auxílio de quem lhes pode estender a mão e dar-lhes uma palavra de alento e de confiança. Estes podem dizer que não alcançaremos ao supremo bem nem a suprema verdade. Mas o que ne-

ningum poderá negar é que, pelo menos, uma vez, o nosso coração vibrou anelante por este supremo bem e por esta suprema verdade, e que em algum instante em nossa vida, em cada um de nós, como um lampejo, como um fulgor imenso, nós sentimos a possibilidade de alcançar estas metas supremas. Há os que desesperaram, há os que não crêem nessa possibilidade, mas o que não podemos negar é que sentimos que todo o nosso ser se determina, se dirige a esse bem supremo e para essa suprema verdade. Só o que pode nos assaltar, contudo, em meio das nossas meditações é a suspeita de que isso tudo é inútil, porque não teremos nunca possibilidade de atingi-los e que esse nosso esforço não alcançará o seu fim, e que o nosso anelo não tenha um sentido verdadeiro senão fundado apenas no nosso desejo e no nosso querer. Mas, pelo menos, ninguém poderá negar a realidade desse anelo; a verdade desse desejo pode afirmar, sim, o desespero, mas o desespero será o testemunho por sua vez de que, nalgum instante, anelamos esse supremo bem e essa suprema verdade. Por que, então, de que desesperaríamos? Qual seria a razão dos desesperados? Os próprios desesperados comprovam esta verdade. Eles desesperaram porque, um dia, foram animados por esses desejos, mas chegaram à triste conclusão de que eles eram inalcançáveis. Os próprios desesperados devem nos servir para que meditemos melhor sobre tudo isso, porque eles mesmos são um testemunho da verdade dessas metas aneladas pelo homem; resta-nos saber que elas realmente se dão e se elas são por nós alcançáveis. Essas já são outras perguntas que exigem outras respostas.

§ 34 *Assim, necessariamente, o homem tende para o bem supremo, não, porém, necessariamente para os bens relativos e próximos. Nós todos queremos alcançar a satisfação plena do que aquiete as exigências do nosso ser, o bem final, o bem último e definitivo, mas vacilamos ante os bens próximos. Podemos errar quanto a estes não quanto ao final. Um destino indefectível nos leva até eles. Contudo há caminhos que mais nos aproximam de nossa melhor bem, como há os que nos afastam.* Eis outra verdade da nossa experiência que facilmente induzimos da nossa experiência, porque sabemos que o bem que nos apaziguaria completamente seria o bem supremo, e que a verdade que nos daria resposta a todas as nossas interrogações seria a verdade suprema. Sobre os bens mais próximos, os bens intermédios, podemos não crer neles, podemos duvidar da sua força, podemos duvidar do seu valor, podemos duvidar de que eles nos ofereçam algo de melhor, podemos vacilar na apreciação desses bens, mas não vacilamos quanto ao bem último, quanto à verdade suprema. A esta não há vacilação, a essas metas nós temos certeza que só elas poderiam nos dar aquela felicidade anelada, não os bens próximos e por isso temos receio, receio muitas vezes de errarmos quando procuramos os bens próximos, porque muitas vezes aqueles que julgamos que nos serão favoráveis, podem nos trazer depois um rosário de verdadeiras desgraças, por isso somos temerosos quanto aos bens próximos. Mas que temor há em nós quanto ao bem supremo e à verdade suprema? Nenhum temor, nada faz estremecer a nossa alma de terror, nem de temor, nem de nenhuma trepidação, por-

que sabemos com toda segurança que só este bem supremo e esta suprema verdade nos dariam a solução por nós desejada. A única coisa que pode fazer trepidar o nosso ânimo é o receio de que não existe este bem supremo, nem esta verdade suprema, e que todo nosso anelo seja inútil, isto sim. Mas o que é indubitável é que há em todos nós um destino indefectível que nos leva até ele, mesmo quando desesperamos, porque o nosso próprio desespero é o reconhecimento de que este destino, este anelo que temos não consegue realizar-se; mas resta saber, contudo, se há caminhos que nos aproximem mais e melhor do nosso bem, e se há caminhos que nos afastam cada vez mais dele.

§ 35 *Muitos confundem a vontade com o ímpeto volitivo da oréxis. A vontade é a oréxis assistida pelo entendimento que busca o bem, ou melhor, a vontade é a oréxis racional, inteligente do bem. É a vontade que delibera entre o bem próximo que podemos escolher, preferindo este, preterindo aquele. A vontade, assim, assistida pelo entendimento, pode errar e pode acertar. E quando em face de dois bens, e tem ela de preferir um e preterir outro, ela realiza um arbítrio, tem de arbitrar o que merece o seu anelo. Vemos assim que é muito comum confundirem a oréxis volitiva com a vontade. A vontade é essa oréxis que tem seu princípio e raiz no amor, no amor ao bem, mas já assistida pelo entendimento, já assistida pela inteligência. A vontade é que delibera ante o bem próximo que podemos escolher e outro bem que podemos preterir. Ela, assistida pelo entendimento, pode errar e pode acertar; e esta é a razão por*

que deve ser devidamente esclarecida: para que não erre. O entendimento deve ser devidamente eficiente para que não perturbe a ação da vontade.

§36 *E quando a vontade é livre. Mas essa liberdade não exige isenção absoluta de determinação, porque somos determinados necessariamente ao bem sem determinação, não porém a este ou àquele bem, pois podemos, pelo entendimento com o apoio da vontade julgar que devemos preferir este e preterir aquele.* É nisto que está a nossa liberdade, é ela o sinal mais elevado da nossa humanidade. É precisamente quando a vontade tende a arbitrar é que ela é livre, mas a liberdade tem como contrário a coação. Enquanto a vontade não é coagida por um poder extrínseco a preferir isto e preterir aquilo, ela é livre, e isto não quer dizer contudo que esteja isenta absolutamente de determinação, não, porque somos determinados para o bem, todos nós anelamos o bem, todos amamos o bem, todos nos inclinamos para o bem, é uma necessidade. Mas o bem aqui é tomado indeterminadamente, pode ser este e pode ser aquele. E eis a razão por que o entendimento com o apoio da vontade, ao julgar que deve preferir este ou preterir aquele, pode errar livremente por não ter sabido aquilatar qual o verdadeiro bem que devia preferir. Aí está a nossa liberdade, ela é o maior sinal, o mais elevado sinal da nossa humanidade e também é a marca da nossa responsabilidade.

§ 37 *Aqueles que não compreenderam assim a liberdade vieram-se em apuros para entendê-la, e muitos preferiram*

até negá-la. Não podiam entendê-la senão desligando-a de toda necessidade e de toda determinação. Construíram uma imagem falsa da liberdade, que era fácil depois destruir. Nossa liberdade consiste apenas em poder a nossa vontade, assistida pelo nosso entendimento, preferir este bem e preterir aquele, não, porém, preterir totalmente o bem. Não somos livres para não querer o bem, porque o bem queremos determinadamente. Aqueles que quiseram construir uma idéia falsa da nossa liberdade - porque nunca a entenderam devidamente, julgando que era total e absoluta isenção de qualquer laço, a espontaneidade totalmente livre de qualquer determinação e conexão - construíram da liberdade um verdadeiro monstro, um efeito sem causas; construíram uma entidade sem uma razão e sem princípio. Então era fácil depois destruir esta imagem porque era uma imagem que não tinha consistência, porque não tinha princípio, nem tinha razão de ser. Mas desde o momento em que compreendemos o verdadeiro sentido de nossa liberdade, como aqui está dito no texto, então podemos compreender que ela consiste apenas em poder a nossa vontade, quando assistida pelo nosso entendimento, preferir este bem e preterir aquele, não porém preterir totalmente o bem.

§ 38 *Por isso a liberdade exige entendimento, e este em sua plenitude. E como pode o entendimento dar assistência à vontade se ele não for capaz de advertir o que está em exame, se não puder estudar com cuidado o que convém ou não convém, se não estiver o homem livre de coações que o cerceiam, se não estiver desobrigado das paixões*

que o avassalam? Por isso a liberdade da vontade implica a cooperação eficiente e decisiva do entendimento. Sim, é preciso nunca esquecer isto, que a nossa liberdade estará viciada se não formos capazes de estudar com cuidado o que convém ou não convém, se não tiver o homem liberto, isento de coações que o cerceiam, se não estiver também desobrigado, afastado das paixões que o avassalam e que escrevem a sua própria mente. Aquele que não sabe ainda distinguir entre o que convém e o que não convém, ainda não é livre; aquele que ainda está obstaculizado pelas coações que cerceiam a sua ação, ainda não é livre; aquele que é dominado pelas suas paixões, ainda não é livre. Por isso é que a vontade cristãmente considerada implica a cooperação eficiente e decisiva do entendimento com a vontade. Como o entendimento e a vontade têm o seu princípio e a sua raiz no amor, a liberdade da vontade implica a cooperação eficiente e decisiva do entendimento impulsionado pelo amor à verdade e à vontade pelo amor ao bem.

§39 *E o entendimento, porque é perfectivo, exige que o conhecimento seja o mais seguro e rigoroso. Conseqüentemente, sem um saber cuidado e profundo não saberemos comparar para compreender as diferenças e as semelhanças. Como poderá atuar com liberdade a nossa vontade se lhe obstaculizar o empecilho da ignorância? A vontade livre, portanto, exige entendimento claro, ciência, afastamento constante da ignorância. Ora, é bem claro o sentido cristão que é a elevação do homem nas perfeições do homem. O entendimento é perfectivo, porque o en-*

tendimento pode cada vez entender mais, pois ele exige conseqüentemente que o conhecimento seja o mais seguro e rigoroso, cada vez mais o nosso entendimento busca a verdade e quer tê-la na sua expressão mais pura, mais nítida. Portanto, não saberemos compreender suficientemente as diferenças e as semelhanças entre as coisas e não saberemos compará-las se não tivermos um saber cuidado e aprofundado. Como a nossa liberdade poderá atuar se for obstaculizada pelo empecilho da ignorância, e mesmo que não seja obstaculizada pela ignorância, que não nos permite que saibamos quais meios devemos usar para poder agir, ela também, pela ignorância, pode nos desviar do bem melhor fazendo-nos cair no bem menor, ou às vezes num mal maior para nós. A vontade livre, para que atinja a plenitude da sua liberdade, exige entendimento claro, exige ciência, exige o afastamento constante da ignorância. De onde se vê que a liberdade cristã não é a mera isenção, que esta pode tê-la os próprios animais, o pássaro solto da sua gaiola, ele conhece a liberdade de isenção, mas não tem a liberdade de especificação, não tem a liberdade de saber especificar, isto é, de distinguir as coisas segundo as suas espécies, e saber para que servem as coisas. A verdadeira liberdade surge completa, portanto, pelo desenvolvimento da perfeição máxima do homem, que é também o entendimento; é necessário que ele se afaste cada vez mais da ignorância, que cada vez mais entenda e saiba, para que a sua mente se torne clara. Não era de admirar, portanto, que no mundo cristão fosse desenvolver-se cada vez mais a cultura, fosse desenvolver-se cada vez mais o conheci-

mento, e que esse conhecimento se democratizasse de modo como se democratizou, de maneira que o número de analfabetos foi reduzindo-se cada vez mais, e o número de homens cultos foi aumentando também cada vez mais. Isso se deve também ao espírito cristão. Sabemos que houve obstáculos que impediram que o cristianismo realizasse com plenitude aquilo que o cristianismo traçava como o seu destino, mas se esses obstáculos se deram através dos séculos, eles deverão ser afastados, para que os verdadeiros cristãos realizem o cristianismo em toda a sua plenitude. E uma das mais piedosas ações cristãs é precisamente disseminar o conhecimento, mas o conhecimento são, o conhecimento justo, o conhecimento bem fundado, o conhecimento positivo, e não aquele conhecimento perturbador, corruptor que põe a dúvida, abre as brechas do desespero e lança o homem no satanismo.

§40 E tudo isso só o homem pode realizar, não o animal. Vê-se assim que o entendimento tende para a verdade, e a vontade tende para o bem. O entendimento é assim a oréxis intelectual da verdade, e a vontade, a oréxis intelectual do bem. Em ambos, tanto no entendimento como na vontade, há uma igual raiz: a oréxis, o ímpeto para o que é conveniente à natureza humana. Essa raiz é o princípio também da oréxis intelectual da verdade, como da oréxis intelectual do bem, e essa raiz é o amor, é a tendência, é o anelo, é o ímpeto para alguma coisa. É verdade que o amor depois se distingue e toma diversos aspectos e pode-se distinguir nele diversas maneiras de amar, mas o entendimento é o amor da verdade, a

vontade é o amor do bem. Vontade, entendimento e amor estão sempre unidos, estão sempre constituídos partes da mesma natureza, da mesma ação. E este é um ponto importantíssimo porque é uma revelação do homem, no homem, daquilo que de mais supremo existe na natureza, como veremos depois.

§41 E como a natureza humana tende anelar o que lhe é conveniente (o bem), anela, portanto, também a verdade, porque ela é também conveniente à sua natureza. Assim a verdade é ainda bem, o bem é a verdade. De onde se vê que há a mesma natureza em ambos, mas dois papéis diferentes, pois a vontade é a mesma oréxis que tende intelectualmente para o bem, e o entendimento, a oréxis que quer a verdade, também um bem. A pouco e pouco se vai vendo, se vai sentindo que há uma só natureza no nosso amor, na nossa vontade e no nosso entendimento, no que constitui o nosso psiquismo superior, o mais alto da mente humana. Essa oréxis é o amor.

§ 42 Há nessa oréxis um ímpeto afetivo, um anelar o que é desejado com amor. Assim o entendimento é o amor da verdade, e a vontade é o amor do bem. Mas o amor é da mesma natureza dessa oréxis, embora represente um papel diferente. Há, assim, no homem uma trindade: vontade, entendimento e amor. Os três têm a mesma natureza, mas representam papéis diferentes. Este é um ponto importante do cristianismo. Em muitos surgirá uma objeção de que não é possível que, no ser humano, o amor, o entendimento e a vontade tenham a mesma natureza.

Mas tem, porque há no ato de entender uma direção amorosa para a verdade, que vai transparecer quando descobrimos que alguma coisa é aquilo que julgávamos ou quando temos a solução de um problema que a nós se colocava. Aquele instante de vitória é semelhante a vitória do amante quando tem a posse da amada. Há na vontade amor, há no entendimento amor. O ato da vontade é um ato assistido sempre pelo entendimento, como o ato do entendimento não deixa de estar assistido pela presença da vontade, e esta é a razão por que eles funcionam, embora com três aspectos diferentes, é o funcionar de uma mesma natureza no homem, que é a alma humana na sua máxima espiritualidade.

§43 O amor pode ser só amor em sua função, como também no entendimento só entendimento, e a vontade só vontade. Contudo, só há vontade humana onde há amor e entendimento. Só há entendimento onde há amor e vontade; só há amor onde há entendimento e vontade, porque o amor tem de nitidamente conhecer o que ama e intensamente querê-lo. E este, em poucas palavras, a síntese do que acabamos de dizer: é uma mesma natureza que tem três papéis. Assim se dá no homem.

§ 44 Portanto, podem eles atuar de certo modo separadamente, mas a sua natureza exige, necessariamente, os outros. Deste modo são três papéis de uma mesma natureza. Assim é o homem. E nisto ele se distingue profundamente dos animais. E um ser anelante de verdade, anelante de bem e anelante de amor. A vontade, por aspirar ao bem, gera e desenvolve no homem o entendi-

mento para escolher com verdade, e o amor os une, porque o amor é a raiz e o princípio deles.

§ 45 *Assim, o amor é a oréxis que quer a verdade do bem escolhido; a vontade, a oréxis que aspira com amor à verdade do bem escolhido; o entendimento, a oréxis que aspira com amor ao bem da verdade. Assim, o amor é a vontade intelectual da verdade do bem; a vontade, o amor intelectual do verdadeiro bem; o entendimento, o amor intelectual do bem da verdade. A vontade aspira com amor à verdade do bem escolhido e o entendimento aspira com amor ao bem da verdade. Daí ser o amor uma vontade intelectual da verdade do bem; a vontade, o amor intelectual do verdadeiro bem, ou do bem verdadeiro e o entendimento, o amor intelectual do bem da verdade. Distingue-se em suas funções, mas sempre um exige a presença do outro para a sua perfeita inteligência e compreensão. São três funções, três papéis importantes da mente superior humana.*

§ 46 *Assim é o homem, quer queiram quer não, os que não o compreenderam bem. E é fundamentado nesta realidade do homem, como o homem é em sua concreção, que o cristianismo se cimentou. Não é uma religião imposta ao homem, mas uma religião que brota do homem e marcha para o Ser Supremo. Por isso Cristo foi também um homem. Esta é a afirmativa suprema, o cristianismo é uma religião fundada na realidade do homem, do homem em sua concreção, e como é uma religião tendo conseqüentemente para a parte mais perfectiva do ser humano, e a parte mais perfectiva é o intellecto su-*

perior: amor, vontade e entendimento. Conseqüentemente, é através dessas supremas perfeições que o homem pode novamente religar-se ao Ser Supremo. Cristo teve que ser um homem porque era preciso salvar o homem dentro do próprio homem; porque o homem desconhecia, não queria notar, não queria perceber e não podia perceber a grandeza que ele tinha na revelação trinitária do seu próprio psiquismo superior que participa da Trindade Suprema. Era preciso que Cristo viesse revelar esta verdade para que novamente religasse o homem ao Ser Supremo.

§ 47 *Das coisas que sucedem, umas sucedem necessária e infrustravelmente por sua natureza, como as águas que correm para os rios, seguindo as leis da natureza. Contudo, o homem pode represá-las, pôr um dique que as retenha e dar-lhe outro destino que o mar. Aquela folha seca rola, volteia, segundo os impulsos do vento, mas o ser humano não. Há, no homem, uma frustrabilidade, que é uma propriedade da sua essência racional. O homem, por ser inteligente, pode escolher entre possíveis futuros, sem que a sua escolha modifique ao que quer que seja a ordem natural. Pode, pela vontade, mudar o rumo de seus atos e estabelecer outros. Pode frustrar um acontecimento e realizar outro que o anteriormente desejado. Há atos que o homem faz e poderia não fazer, sem perturbar a ordem cósmica. Há também atos que o homem não faz e que poderia fazer.*

§ 48 *Entre os atos que o homem pode realizar, há aqueles cuja realização é indiferente ao bem do homem, ou seja, não*

prejudicam, nem favorecem a natureza humana considerada estática, dinâmica e cinematicamente. Tais atos indiferentes não provocam males nem benefícios, quando realizados. Compreende o homem, desde logo, que tais atos podem ser realizados ou não, contudo não vê por que terá de fazê-los. Estamos aqui examinando um problema fundamental da ética que é o problema do dever-ser frustrável, daquele dever-ser que é um imperativo para o homem, que o homem deve realizar, ele tem de realizar, mas tem a liberdade ao mesmo tempo de não realizá-lo, de frustrar a sua realização, daí ele responder por este ato de frustração que vai depender da sua vontade.

§ 49 *Do latim, de habeo, ter de, surgiu o verbo debeo, eu devo, do nosso verbo dever. Quando dizemos: devemos fazer isto ou aquilo, queremos dizer que temos de fazer isto ou aquilo. Mas, quando dizemos tal coisa, quando falamos do dever, falamos de um ato que deve ser realizado, que temos de realizar, cuja frustração é inconveniente. Mas quem estabeleceria um dever-ser suspenso no ar e sem razão qualquer? Um dever-ser dessa espécie seria apenas uma ordem de comando e nada mais. O dever-ser tem de ter uma razão, tem de ter um porquê para ser cumprido.*

§ 50 *Mas o dever não é apenas uma ordem de comando. É algo que não convém frustrar o seu acontecer, por alguma razão digna de respeito. Assim, o que é conveniente à nossa natureza estática, dinâmica e cinematicamente considerada, não gostamos que nos frustrem. Julgamos*

todos que o que é conveniente, o que nós apeteçemos, aquilo para o qual se dirige a nossa oréxis, quer a sensível, como a intelectual, nós temos direito, cabe-nos com justiça, com retidão.

Assim pensamos nós, mas nem sempre assim sucede.

§51 *O que é conveniente à nossa natureza é um bem para nós, e esse bem dele precisamos para nosso equilíbrio vital. Ele nos cabe porque é nosso bem. É reto que o desejemos, é reto que o possuamos, é reto que dele nos apropriemos. É o nosso direito. O direito, assim em seu fundamento natural, baseia-se no que nos deve ser dado ou atribuído, porque corresponde à conveniência da nossa natureza, segundo for ela considerada. O direito, assim, não se separa do dever-ser da obrigação. Vê-se que a concepção do direito cristã é a concepção natural. O direito surge da própria natureza, surge das nossas relações com os nossos semelhantes, com a Divindade e com as coisas, e das relações que as coisas possam manter conosco. É reto para nós tudo aquilo quanto corresponde à nossa natureza, segundo for ela considerada na sua estaticidade, na sua dinamicidade, no desenvolvimento das suas possibilidades e na sua cinematicidade, isto é, nas atualizações proporcionadas às interações sofridas pela ação de outros no decorrer de todos esses lances do caminho. Tudo aquilo que é conveniente, realmente conveniente, benéfico, realmente benéfico à nossa natureza, nos é devido e não é em excesso, porque o excesso pode perturbar a conveniência da nossa natureza, e não é no mínimo, porque o mínimo*

pode nos trazer a carência que põe em risco o bem dessa nossa natureza. Portanto, tudo aquilo que é conveniente para nós é do nosso direito, tomado em relações aos nossos semelhantes, já que não somos entidades *per se* e *a se*, independentes absolutamente de outras, mas decorremos do próprio conjunto social do qual fazemos parte.

§ 52 *Por isso, onde há direito, há obrigação. A cada obrigação corresponde um direito, como a cada direito corresponde as suas obrigações. Mas o homem não é um indivíduo só que exista. Há homens, e homens, que também têm o seu direito e também têm as suas obrigações. Ofenderá o direito de outro aquele que não respeitar o que é conveniente à natureza de seu semelhante. Por isso o direito tem de ser solidário e universal: um só para todos e de todos.*

§ 53 *O direito de cada um não colide, sendo justo, com o direito de nenhum outro, porque os direitos são os mesmos, pois são seres da mesma espécie, que aspiram aos bens que são convenientes e proporcionados à natureza de cada um, que é a mesma em todos. Aí colisões de direito só podem surgir quando alguém lesa o direito alheio, ou não cumpre a obrigação que corresponde ao seu direito. Por isso, onde se lesa a lei, há injustiça. Palavras claras que não precisam de interpretação.*

§ 54 *Justiça é reconhecer em cada um, nitidamente, o seu direito e assegurá-lo, bem como nitidamente a sua obrigação, e exigir o seu cumprimento. Não há justiça onde se*

lese o direito alheio, nem tampouco onde se afrouxe o dever do cumprimento das obrigações. Eles são correlativos necessários porque são simultâneos, porque se de alguém se exige uma obrigação é porque se lhe dá um direito, e se lhe dá um direito é porque se lhe exige uma obrigação.

§ 55 *Onde o direito se separa e se independentiza da obrigação, não há justiça. Onde os homens não reconhecem entre si os seus direitos e as suas obrigações não há justiça. Um direito desligado totalmente de obrigação não é direito, uma obrigação totalmente desligada do direito não é obrigação. Devem ser proporcionados um ao outro, porque toda a disparidade que houver afronta o direito e à obrigação, portanto, á justiça.*

§ 56 *Ao ser humano cabe a frustrabilidade de certos atos, que pode ele fazer ou não. Os animais dizem sempre sim à natureza. O homem, porém, pode dizer não. Nesse não está o índice de sua grandeza, a abertura de sua elevação, mas também o primeiro passo para os seus erros. O homem pode frustrar o dever-ser. O dever-ser dos animais é fatal porque eles obedecem aos instintos. Mas o do homem é frustrável, porque ele é inteligente e dispõe da vontade.*

§ 57 *E por que se dão tais coisas? As razões são simples: o homem não é um ente imutável e eterno. É um ente mutável e temporal. Sua vida é um longo itinerário, um longo drama, porque ele atua e sofre sucessivamente uma longa realização dramática, porque ele age efaz. E como age e faz, ele prefere e pretere. Por isso, ao longo do drama humano, ao longo da sua práxis, da sua prática, o homem avalia valores.*

§ 58 *Em toda vida prática do homem há a presença dos valores que são julgados, preferidos e preteridos. Onde há ação humana, há a presença do valor, e o que o homem faz ou sofre é conveniente mais ou menos ou não à sua natureza estática, dinâmica e cinematicamente considerada. Em tudo, portanto, há valores, maiores ou menores. E, ademais, o homem dá suprimento de valor ao que lhe convém, como também lhes retira. Supervaloriza ou desvaloriza. Todas estas características do homem são precisamente o que lhe dá o caráter da sua peculiaridade.*

§ 59 *Mas esses valores são valores do homem, por isso são valores humanos (em grego, valor é axiós e o homem é antropos, daí chamarem-se esses valores de axioantropológicos). Toda vida ativa efectiva do homem (a vida técnica) está cheia da presença dos valores e dos desvalores do homem. Por essa razão, cada ato humano é mais ou menos digno, segundo tenha mais ou menos valor. A dignidade dos atos continuados marca o seu valor.*

§ 60 *Os atos continuados constituem o costume (o que os gregos chamavam ethos e os latinos mos, moris, de onde vêm Ética e Moral). Os atos éticos ou morais são atos que têm valor, são atos, portanto, que têm dignidade. É eticamente valioso o dever-ser que corresponde à justiça como antes expusemos: é eticamente vituperável, indigno, o ato que ofende a justiça, ou seja, o direito, o que é devido à conveniência da natureza humana, na multiplicidade em que ela pode ser considerada.*

§ 61 *Assim, toda a vida prática do homem gira em torno da Ética. Realmente a vida prática do homem é a vida ati-*

va e a vida factiva, e naturalmente essa vida gira em torno do que é conveniente ou inconveniente. Na ação e na realização da vontade, há apreciações de valores do que convém e do que não convém, conseqüentemente, do dever-ser frustrado e, por isso, giram todas em torno da Ética, que tem de estar presente em todos os atos da vida prática. E prossegue o texto: como disciplina filosófica, esta tem por objeto formal a atividade humana em relação ao que é conveniente ou não à sua natureza. Os atos podem ser assim éticos ou antiéticos, ou então anéticos. Éticos, os que devem ser realizados; antiéticos, os que não deveriam ser realizado; e anéticos, os que nos parecem indiferentes.

§ 62 *Portanto, toda vida ativa e factiva (técnica, artística) do homem se dá dentro da esfera ética. Razão tinham, pois, os filósofos antigos que punham o Direito, a Economia, a Sociologia, a Técnica e a Arte como inclusas e subordinadas à Ética, porque os atos humanos estão sempre marcados de cticidade. Esta a razão por que se deve distinguir Ética de Moral.* Esta distinção não é arbitrária. Ora, os antigos, ao distinguirem essas disciplinas e as colocarem subordinadas à Ética, não subordinavam totalmente e absolutamente, porque há uma parte de cada uma dessa disciplinas, que é tipicamente própria das disciplinas, que é a sua parte específica. A Ética, então, funcionava em relação a essas disciplinas na mesma relação de gênero para espécie.

§63 *A Ética estuda o dever-ser humano, a Moral descreve e prescreve como se deve agir para realizar este dever-ser. A Moral é variante, mas a Ética é invariante. Podem os*

homens, mal assistidos pela intelectualidade, errarem quanto à eticidade de um ato e estabelecer um costume (moral) que nem sempre é conveniente ou é exagerado. Podem errar, porque o homem pode errar, mas se der ele o melhor de sua atenção à Ética, ele não errará e poderia evitar os erros na Moral. E essa a razão por que muitas vezes encontramos diferenças entre a moral e a ética. E muitas vezes vimos que certos costumes de certos povos ofendem a princípios de justiça, porque nem sempre o homem escolhe como modo de proceder (seria o modo moral) aquele que melhor corresponde à realização do dever-ser ético, e às vezes é movido por certas circunstâncias históricas, ambientais, que determinam agir desse modo e não doutro, porque, apesar de não ser benéfico como seria de desejar, é menos maléfico do que de outros modos de proceder. Assim pode-se compreender que certas tribos, em determinadas circunstâncias, se vissem forçadas a liquidar os elementos inválidos que a constituíam, para que sobrassem alimentos suficientes para manutenção dos que tinham maior capacidade de sobrevivência. Este ato eticamente considerado é falho, mas moralmente considerado ele tem uma desculpa, dada as circunstâncias ambientais e históricas daquela tribo. Por isso, muitas vezes a moral pode chocar-se com a ética, e nem sempre a moral conheceria a melhor resposta ou a melhor solução ao dever ético. Nós hoje estamos numa crise, não de ética, estamos numa crise de moral, e esta crise na moral está por uma má visualização da diferença entre moral e ética. Como a moral decai, como a moral não consegue manter as suas normas,

porque ela já não corresponde à realidade da vida atual, então quem sofre as conseqüências é a ética, parecendo aos olhos daqueles que não estão preparados, que fazem confusão entre ética e moral, que a ética também se derrui, como se está derruindo a moral, e não é verdade: a ética permanece em pé, a ética é indestrutível, a ética é eterna; a moral é humana, factível, caduca, e por isso ela pode errar. Se a mente humana for bem assistida, ela poderá evitar os erros da moral pela criação de costumes que correspondam melhor ao dever-ser ético.

§ 64 *Aqueles que dizem que a Ética é vária porque a Moral é vária, confundiram a Moral com a Ética. Essas confusões provocaram inúmeros mal-entendidos e promoveram muita agitação entre os que desejavam atacar a Ética. Há costumes convenientes e inconvenientes apenas a uma parte da humanidade, mas o que é ético é universal e deve ser aplicado a todos. A Ética deve ser consagrada ao universal.* Temos assim a explanação dos diversos aspectos importantes que já salientamos, mas o texto continua e nos vai esclarecendo a pouco e pouco este aspecto genuinamente cristão.

§ 65 *Assim, da moral, que surge na vida prática do homem, a mente especulando sobre ela chega à Ética, que é mais especulativa do que prática, porque nela há princípios eternos, enquanto naquela há regras de valores históricos, portanto, mutáveis. Dar a cada um o que é de seu direito é uma norma ética, mas o modo como se proceda, segundo a conveniência humana obediente a esta norma,*

será uma regra moral. Porque erram os homens na Moral, não se deve negar a Ética o seu valor, porque esta seria uma violentação da inteligência.

§ 66 *Não somos apenas animais, mas homens. E como homens, temos entendimento, vontade e amor. O animal não tem uma vida ética, nós temos, porém. O animal não precisa estabelecer regras morais, nós, porém, precisamos. Não cabe ao animal escolher entre o sim e o não, porque diz sempre sim aos seus instintos que o regem. Mas o homem tem de empregar a sua inteligência e a sua vontade, e dirigir o seu amor, por isso o homem é fundamentalmente ético na sua ação.* Estes parágrafos confirmam as nossas palavras.

§ 67 *Porque somos homens e não animais, temos de considerar o testemunho da nossa situação. Não podemos pela animalidade, renunciar a humanidade, que é perfectivamente superior. E não podemos também afirmar uma à custa da outra, enquanto vivemos. O animal em nós não impede que nos elevemos, pois a nossa vida prática mostra que podemos erguer-nos até produzir os mais elevados exemplares humanos.* Esta é realmente uma verdade que induzimos na nossa prática. Enganam-se aqueles e mentem quando dizem que nós não podemos erguer-nos e elevar-nos porque somos animais. A animalidade em nós não impede a grandeza de nossos atos. Não podemos atingir a uma perfeição, que seria como que sem limites e sem o menor grau de deficiência, porque somos humanos, somos deficientes, somos, portanto, passíveis de erro. Mas podemos sim, cada vez

mais, erguer-nos em nossa vida, em nossa vida psíquica superior, desenvolvendo cada vez mais o nosso amor. É o que veremos a seguir, e esta é a verdadeira prática cristã.

§ 68 Somos capazes de progredir, mas os animais não. As abelhas de hoje agem como as abelhas que nos descreve Aristóteles, mas o homem não. Crescem nossos conhecimentos, ampliamos os nossos instrumentos técnicos, invadimos o âmago da terra e escalamos os espaços. Construimos movidos pela nossa vontade, pela nossa inteligência, pela vontade e pelo amor.

§ 69 Se o amor, a vontade e a inteligência são capazes de nos erguer acima dos animais e nos elevarem a estágios cada vez mais altos, também tem sido pelo desvirtuamento da inteligência, mal usada pela vontade viciosa e pelo amor desregrado, que caímos nas mais ínfimas situações. Somos grandes apenas quando nos erguemos e não quando caímos. É mais fácil destruir do que construir. Este parágrafo fala por si mesmo.

§ 70 Sabemos que ampliar o alcance da nossa inteligência, aumentado o nosso saber, custa-nos esforços; também custa-nos esforços purificar a nossa vontade e acrisolar o nosso amor. É mais fácil permanecer indiferente, e difícil é vencer os estágios e alcançar o mais alto.

§71 A ascensão do homem exige esforço e sobretudo coragem. Sabemos, sim, realmente, que toda nossa elevação é inevitavelmente uma tarefa de gigantes, mas não é uma tare-

fa que não possamos cumprir. Mais fácil, sem dúvida, não realizá-la, mas não é impossível levá-la avante. A coragem é aquela virtude que consiste em não temer riscos, quando se deve fazer o que se deve fazer. Se nos tornamos mais perfectivos pela elevação de nossa inteligência, pela purificação da nossa vontade e pelo acrisolamento de nosso amor, tudo isso exige coragem. O contrário da coragem é a covardia. O covarde detém-se ante o que deve fazer por temor aos riscos.

§ 72 *Não somos grandes quando nos acovardamos, mas quando somos corajosos. A elevação do homem exige coragem, portanto, heroicidade. Corajosos são os que se dedicam a aumentar o seu saber, a purificar a sua vontade e acrisolar o seu amor. Precisamos, pois, de corajosos e não de covardes. Mas a covardia não é apenas o medo.*

§ 73 *Prossegue: O medo é uma trepidação natural do que é corpo em nós ante o iminente perigo. O medo é natural, e todos dele sofremos, em maior ou menor intensidade. Mas covardia é a ausência da coragem ética. É temer o risco que uma ação ética pode conter. Não há grandeza nenhuma naqueles que se negam a cumprir os seus deveres. São apenas covardes. É inútil que desvirtuem a inteligência para justificarem-se.*

§ 74 *Estas justificações são sempre falsas. São argumentos especiosos para ocultar a covardia.* A humanidade precisa de homens corajosos e não de covardes. Outro dever do homem, porque é homem, é aumentar o seu saber, ampliá-lo e purificá-lo dos vícios. Ora, o conhecimen-

to e a ciência são hábitos porque os adquirimos. Não nascemos sábios, mas nos fazemos sábios.

§ 75 *Pode uma sociedade humana orgulhar-se dos seus covardes? Pode orgulhar-se, sim, de seus homens corajosos.* Pode uma sociedade humana orgulhar-se de seus homens ignorantes e que nada fazem para ampliar o seu saber? Pode orgulhar-se, sim, de seus homens que tudo fazem para aumentar seu poder. A humanidade não pode conquistar tantos bens, que lhe são úteis, com covardes e ignorantes.

§ 76 *Esse saber os homens chamaram prudência. Prudência e coragem são assim hábitos* (por serem habitualmente postos em ação), virtudes do homem. E são virtudes porque estas são os hábitos bons, como os vícios são os hábitos maus. Mas há exemplos de coragem imoderada, de audácia, de temeridades. Há os que se precipitam e se atiram a atos de coragem em que lhes falta a prudência, tornando-se assim imoderados. Precisamos, sim, ser moderados na coragem e na prudência.

§77 *A moderação é, pois, uma virtude pela qual o homem refreia os excessos, e faz com que seus atos se realizem dentro de medidas justas e convenientes. É outro hábito do homem; por ser boa, a moderação é uma virtude.* Mas a prudência corajosa e moderada nos leva a compreender o que eticamente é devido a cada um como seu direito e sua obrigação. E isso é a justiça.

§ 78 *A justiça é também um ato bom; é, portanto, uma virtude quando habitual.* Homens justos, prudentes, mode-

rados e corajosos são os que elevam o homem, e não os que o denegriram. Os que atentaram contra a humanidade foram os imprudentes, os injustos, os imoderados e os covardes, e que ainda usaram a força organizada para oprimir os seus irmãos. Não há grandeza do homem se não houver essas virtudes, cuja fundamentalidade levou a serem chamadas de virtudes cardeais.

§79 E são virtudes cardeais porque é em torno delas que gira a vida superior do homem. O homem só é grande onde essas virtudes são praticadas. Não esqueçamos nunca que é fácil não segui-las. Qualquer covarde pode ser imprudente e negar-se ao estudo, qualquer injusto pode ser facilmente imoderado. Só há grandeza nos que são capazes de realizar estas virtudes.

§80 E como o homem só é grande quando se realiza, e como a elevação do homem é um dever-ser ético, cultivar estas virtudes é o dever do homem. É um dever porque, sendo o homem perfectível, é possível a ele alcançar o que é mais elevado; assim ele o faz porque é conveniente à sua natureza, já que a torna mais forte e mais poderosa. O homem tem o dever de superar-se constantemente.

§81 E tem esse dever porque é superando cada vez mais a si mesmo que ele cada vez mais é apto a corresponder à sua própria natureza, já que essa superação é proporcionada ao que a sua natureza é, além de lhe ser possível. Não está ele violentando o que é, mas atualizando, tornando real, tornando efetivo o que ele pode

ser. O dever do homem, portanto, é seguir cada vez mais o caminho da sua elevação.

Todos estes parágrafos falam tão eloqüentemente do que pretendem dizer que não cabem comentários.

§ 82 *Desse modo se vê que obedecendo à ética, à verdadeira ética, cumprindo os preceitos morais mais adequados àquela, o ser humano prepara o caminho de sua elevação. É uma façanha grandiosa, porque é uma façanha heróica. É algo que é verdadeiramente humano, porque nada tem de animalidade. É o homem na plena afirmação de si mesmo. E assim o homem ergue-se cada vez mais acima de si mesmo. Esse caminho é uma possibilidade.*

§83 *E é uma possibilidade que dá ao homem uma elevação, porque o eleva onde ele é humano. Qualquer restrição aqui é uma violentação e uma lesão ao direito de ser humano. Todo obstáculo posto aqui é uma lesão ao seu direito. Ninguém, pois, tem direito de opor obstáculos à elevação humana, e todos têm o dever de estimulá-la e torná-la mais fácil e mais acessível.*

§ 84 *Por essas razões é injusto impedir o aumento de saber; é injusto obstaculizar a liberdade, quando eticamente orientada; é injusto acovardar os homens, excitá-los a imoderação e aos excessos; é injusto facilitar que as paixões, que são de origem animal, dominem a inteligência. Toda esta injustiça é uma lesão ao direito do homem de superar a si mesmo.*

§ 85 *Quando nós acreditamos no que nos é evidente desde logo e assentimos com plena confiança, sem temor de erro, temos fé. Quando confiamos que valores e estágios mais altos poderão ser atingidos por nós, temos esperança. Quando somos capazes de amar o nosso amor e amar o bem de nossos semelhantes, temos caridade. Tanto a fé, como a esperança, como a caridade podem ser habituais.*

§86 *E porque podem ser habituais, e como esses hábitos são bons: ser incrédulo totalmente seria vicioso; cair na desesperança seria negar as nossas possibilidades; não amar o bem daqueles que amamos ou daqueles que devemos amar seria sermos injustos, portanto, estas três qualidades habituais são virtudes. Contudo essas virtudes são diferentes das outras que examinamos e já veremos por quê.*

§87 *A prudência, a coragem (que é também a fortaleza), a justiça e a moderação podemos adquirir-las a pouco e pouco, e cada vez mais, por nosso próprio esforço, por nossa ação. São hábitos que adquirimos. Mas quem é capaz de adquirir por si a fé, se descrente é o seu coração? Quem pode adquirir a esperança se não crê em possibilidades melhores? Quem pode amar se seu coração está seco para o amor?*

§ 88 *Estas virtudes, por mais que nos esforcemos em tê-las, não surgem em nós apenas pela nossa vontade, nem porque sejamos capazes de pensar nelas. Elas surgem subitamente, sem que, à primeira vista, saibamos de onde*

vêm. Subitamente em nós se ilumina a fé, crescem as esperanças e anima-se a nossa caridade. Estas virtudes vêm de algo que não é a nossa vontade, nem o nosso entendimento, vêm de algo que deve também tê-las e mais o poder de dá-las.

§ 89 *Não são as coisas brutas que nô-las dão, porque as coisas brutas não as têm; não são as plantas, nem os animais, porque nenhum delas as tem.* É mister, portanto, algo que as tenha para no-las dar. E como elas não surgem de nós, não são criações nossas, devem vir de algo superior a nós. Esta a razão por que são chamadas de virtudes teologais, distintas das virtudes cardeais.

§ 90 *Vós nos perguntastes tantas coisas e nós vos respondemos.* Respondemos até aqui, até onde pode chegar o homem por seu esforço, usando da luz natural da sua inteligência. E tudo isso que vos dissemos é verdade, porque é de vossa experiência, e nenhuma experiência humana pode negar a verdade do que dissemos. Não há argumentos que derrubem nossas palavras, porque nada afirmamos que não se fundasse no homem como o homem é.

§ 91 *Não violentamos nenhuma idéia para justificar outra.* Apenas mostramos o que se dá. Não houve de nossa parte nenhum emprego de qualquer recurso que violentasse a vossa razão ou afrontasse a vossa inteligência. O que vos dissemos é o que vós devíeis saber e já estava em vós, pois, à proporção que sucediam as nossas palavras, a vossa mente teve de assentir com

elas, porque elas apenas disseram o que somos e como somos.

§ 92 *Não obstante, não dissemos tudo.* Há ainda muito que dizer, e vós tendes muito que meditar para completar o que não dissemos, mas que está incluso em nossas palavras. Nós vos convidamos agora para que com toda a pureza de vossa vontade, com toda a força de vossa inteligência e com todo o ardor de vosso amor nos acompanheis um pouco mais. Vereis, então, que a nossa promessa será cumprida.

§93 *A elevação do homem não é uma impossibilidade, porque já atingimos graus mais elevados que outros, e entre nós há os que estão em estágios mais baixos, e outros, em estágios mais altos.* Também é evidente que a humanidade é composta de homens, e que somos diferentes uns dos outros. Também mantemos modos de vida diferentes e destinamos os bens, segundo interesses muitas vezes opostos. Por isso os homens divergem uns dos outros.

§ 94 *Fundaram-se povos, cidades, estados, países imensos, ciclos culturais, eras prolongadas. Em tudo isso vimos dominar a heterogeneidade.* Seres humanos oprimirem outros, lesarem os seus direitos, estabelecerem obrigações desproporcionadas, exercerem poder em seu benefício ou de grupos, à custa de outros. E tudo isso fizeram em nome da inteligência, da vontade e do amor. E também em nome das virtudes.

§ 95 *Tudo isso entristeceu o ser humano que foi despojado de seus direitos, o que o angustiou, desalentou-o, desesperou-o, fê-lo duvidar de si mesmo e de tudo. E havia razão para tudo isso na verdade. Mas tudo o que se fez de ignominioso não consultava a justiça, nem a moderação, nem a coragem, nem a prudência. Tudo isso não obedecia à verdadeira ética, tudo isso violentava os direitos humanos.*

§ 96 *Todas essas ações não foram grandeza, mas miséria. Ao realizá-las o homem não se elevou, mas se diminuiu. Em tudo isso o homem não foi grande, mas mesquinho; não foi justo, mas injusto; não foi moderado, mas imoderado; não foi prudente, mas imprudente. Em tudo isso o homem falseou a si mesmo, comprometeu a sua grandeza, traiu a sua humanidade e a submeteu à concupiscência animal.*

§ 97 *Longa tem sido a história humana dessas misérias e prolongada, sua permanência. Mas, um dia surgiu um homem nas terras da Galiléia, e esse homem ergueu a sua voz e apelou por humanidade ao homem, chamou o homem pelo seu verdadeiro nome, disse-lhe que iria falar a sua linguagem e que ia revelar-lhe a sua verdade. Não falou outra coisa que já não estivesse contida na própria humanidade, e não violentou a sua inteligência, nem oprimiu a sua vontade.*

§ 98 *Esse homem apenas pediu ao homem que não continuasse esquecido de si mesmo, que voltasse sobre si mesmo e visse a sua miséria, mas também a sua grandeza.*

E esse homem convidou ao homem que aceitasse a sua humanidade e a cumprisse. Não lhe pediu impossíveis, mas possíveis. Pediu-lhe que o acompanhasse numa façanha que todos podiam realizar.

§99 *E disse ao homem: Tu não és o princípio de todas as coisas, porque um dia começastes a ser.* Nem teu pai, nem teus antepassados, pois todos começaram a ser. Nem esta terra, nem estes astros, porque tudo isso começou a ser. Não pode dar aquele que não tem. Não darás o que não tens. Se tudo começa a ser, o que há não veio do nada, porque o nada nada tem para dar. Tudo quanto começa a ser deve ter sido dado por quem o tem.

§ 100 *E como o nada nada tem para dar, quem deu devia ter para dar.* Portanto, no princípio já havia quem tudo tinha para dar, pois tudo quanto surgiu veio de quem tinha, e não do que não tinha. O primeiro de todos é o supremo dadivoso, que tem tudo. Não poderia ser ele um bruto porque: como o bruto poderia dar a inteligência se ele não a tem?

§101 *Não poderia ser um inconsciente porque: como poderia o que não tem consciência de si dar consciência aos outros se ele não a tem?* Como o menos poderia dar o mais? Homem, o primeiro antes de todas as coisas, é o que tem todas as perfeições porque: como poderia haver perfeições se o primeiro não as tivesse? Ele é, pois, omni-perfeito, é omnisapiente porque: como poderia dar saber se ele não tem? Ele é o Pai, porque o pai dá.

§ 102 *E como Ele tem todo bem, Ele é todo o bem; não é Ele composto de outros, porque do contrário não seria o primeiro, mas os outros que o compõem.* Nele o seu ser é o seu bem, e o seu bem é o seu ser. Nele o seu saber é o seu ser, o seu ser é o seu saber. E como é Ele inteligente, porque tudo sabe, quer a si mesmo. Sua vontade não é a nossa, porque a dele é infinita; é assim a sua inteligência e também o seu amor.

§103 *Nele, pois, inteligência, vontade e amor são a mesma natureza do seu ser.* E ele é vontade, é inteligência e é amor. Como o pai quer o bem de seus filhos, ele quer o nosso bem, por isso ele é o Pai. Como ele é a suprema verdade, e quer a si mesmo, é ele a inteligência suprema, e a vontade é a vontade da inteligência, está nele, é o Filho, porque o filho é filho do pai como o pai é pai do filho.

§ 104 *E como a inteligência e a vontade se unem pelo amor, é ele também amor, por isso é Espírito Santo, porque o amor nele é o mais acrisolado.* E uma só natureza, mas com três grandes papéis: o da vontade, o da inteligência e o do amor. São três pessoas numa só natureza. É a Trindade Divina de quem vos falo. Mas, homem que me ouves, tu tens em ti também uma trindade.

§105 *Tens em ti a trindade da vontade, da inteligência e do amor.* Se em ti tanto a vontade, como a inteligência e o amor são perfectíveis, e podem alcançar cada vez níveis mais altos, em teu Deus são infinitos e eternos, e perfectos de todo o sempre. A tua vontade, a tua intelligen-

cia e o teu amor participam também da vontade, da inteligência e do amor infinitos.

§106 E à proporção que fortaleces e purificas a tua vontade, e à proporção que exaltas a tua inteligência e acrisolas o teu amor, participas cada vez mais de Deus, do Supremo Ser e Suprema Perfeição. Ao examinares a ti mesmo, como realmente és, vês que és feito a imagem dele. Ele deve ser teu paradigma, teu exemplo, a medida suprema de tua perfeição. Elevares-te a ele é ergueres a ti em tua humanidade.

§107 Portanto, teu itinerário é este e à proporção que aumentes a tua vontade, a tua inteligência e o teu amor, dentro de tuas forças, estarás marchando para ele, para o Supremo. Eu vim para te indicar o caminho. E esse caminho está em ti. Eu estou em ti porque eu sou o caminho. Eu sou o homem divinizado, não pela ilusão que lhe dá o orgulho, que o faz supervalorizar o que é. Eu sou o caminho do homem que julgando com justiça o que é, e com inteligência, acha o que deve fazer e pela vontade faz.

§108 Conhecer o que realmente se é, sem supervalorizações do que se é, é ser humilde. Humildade, homem, é reconhecer, na justa medida, o seu verdadeiro valor, mas não é só isto. É também apreciar com justiça o valor de teu irmão. E reconhecer o que ele realmente vale, respeitar a sua dignidade, reconhecê-la e proclamá-la, sem nunca exagerá-la. Humildade é dar a si e aos outros o seu verdadeiro valor.

§ 109 *E se reconheceres o teu verdadeiro valor e de teus irmãos, podes então encontrar o caminho de tua elevação, pois saberás o que te falta, o de que precisas, o que deverás fazer, pois a tua inteligência, e tua vontade e o teu amor são suficientes para te indicarem o de que careces.* A humildade, homem, é a moderação justa, prudente e corajosa em reconhecer o seu e o valor dos outros.

§110 *Pela humildade tens o caminho para encontrares a mim que estou em ti. À proporção que cumpras tudo quanto é humanamente superior, tu me encontras; à proporção que te afastares de teus deveres, tu me renegas.* Não vim para pedir-te impossíveis. A minha cruz não é tão pesada que não possa levar qualquer um de vós. Por isso, bem vês, sou teu mestre, mas sou sobretudo teu amigo.

§111 *Se teu pai é tão dadivoso, por que temes que ele não te dê o de que careces?* Não temas pedir, porque pedir é inflamar o teu anelo do bem e da verdade, e quando pedes alimentas em ti a tua própria força e dispões a ti mesmo para facilmente receberes. Ora ao teu pai, porque, como pai, ele não deixará de te ouvir. Não temas a sua grandeza nem a sua infinitude, porque tu és feito a imagem de Deus.

Temos que comentar aqui passagens importantíssimas. Temos passado por alto, temos apenas lido o texto, e deixado de fazer comentários que se tornavam necessários. Mas, sem dúvida, a clareza da matéria é tal que pode dispensá-los perfeitamente. Mas aqui já tocamos num ponto que sabemos que em muitos corações é capaz de provocar uma perplexidade. Eles dirão:

como crer nisto, como crer neste pai? Pai é um símbolo humano, é um símbolo porque é da nossa experiência. Ele é o dadivoso, é aquele que nos ampara, é aquele que nos acompanha durante a formação da nossa vida, e também tanto quanto Ihe é possível até os últimos momentos da sua existência. Ele sempre nos acompanha e sempre nos ajuda. Não adianta que argumentemos com as exceções, com os casos anormais, porque a anormalidade não pertence à regra, a anormalidade é uma exceção, é um desvio, é uma monstruosidade da natureza. Ora, o Ser Supremo, porque tem tudo necessariamente, tem de ser dito o mais dadivoso. Se as árvores nos dão frutos, se a terra nos dá alimento, se as coisas nos oferecem muito de si mesmas para nós, tudo que no universo é dadivoso tem que ter a sua origem na dádiva suprema do Ser Supremo, fonte e origem de todas as coisas. Não é possível que o menos venha a realizar o mais, não é possível que a máxima perfeição decorra da mínima perfeição, não é possível de modo algum que o que é defeituoso realize o que é perfectivo. Conseqüentemente, o homem só poderá dizer que nada sabe, que não sabe responder a estas perguntas, mas não poderá dizer que o menos antecedeu o mais. Pode dizer que não sabe, aceitamos esta ignorância que muitas vezes esconde uma malícia, e quase sempre uma covardia, mas não podemos deixar de reconhecer que deve haver um princípio de onde tudo isso surge, que seja a razão de ser de tudo quanto vem, porque tudo quanto vem tem sempre uma razão de ser. A nossa ciência, o nosso conhecimento permite que nós descubramos as razões de ser

de todas as coisas e a busca dessas razões é a busca das causas, e é nessa busca das causas que se constrói a ciência. Nós temos urna ciência e a ciência bem dirigida tem que nos levar a aceitação de um princípio dádivo, que podemos simbolizar como o pai. Ora, como em nossas orações erguemos a voz para pedir, para anelar que as coisas sucedam de modo a convirem aquilo que nos é necessário e pedimos aquilo que é justo, este nosso anelo certamente facilitará que o que já está disposto, que o que já está providenciado desde todo sempre de nós se aproxime e venha em nosso benefício, sem que isso perturbe de modo algum a ordem cósmica. Porque se nós comemos os frutos daquela macieira ou passamos além e não os comemos, tanto no primeiro ato como no segundo em nada modificaríamos a ordem cósmica, estas duas possibilidades já estão nela contidas e uma delas inevitavelmente se atualizará. Ao passarmos por aquela macieira, colheremos aqueles frutos e os comeremos, ou colheremos e não os comeremos, ou nem sequer os colheremos e não os comeremos, uma destas possibilidades se atualizará inevitavelmente. O que a ordem cósmica exige é esta atualização, se se der aquela possibilidade de passarmos por aquela macieira. Dada uma possibilidade atualizada, as possibilidades que são sempre contraditórias, uma delas se atualizará mas não todas, porque do contrário haveria uma contradição intrínseca, o que seria um absurdo. Então daquilo que carecemos é possível obtermos, ter esta possibilidade não contradiz as leis da natureza? Se não contradiz, podemos anelar com veemência, porque nesse anelo estaremos dispo-

do de nossa parte a nós mesmos para facilmente receber aquilo de que precisamos. Portanto, o homem deve ter fé nas suas orações, e hoje o conhecimento mais profundo da psicologia nos revela que valor imenso, que poder imenso têm as orações. Este estado de fervor, esta disposição do ânimo, com fé, com confiança, com esperança no que precisa e no que deseja obter, tanto facilita, como prepara e dispõe a fácil aquisição. E esta é a razão por que os desesperados, os amaldiçoados, aqueles que não têm um vislumbre de fé dentro de si, aqueles que se afastam de toda crença são conseqüentemente os menos assistidos, aqueles que se abismam nas suas angústias e nas suas neuroses, que os absorvem, que os dominam e que os transformam em trapos humanos, que vivem apenas movidos por drogas para lhes dar um pouco de ânimo que não têm, para lhes dar um pouco de vida que não possuem, para lhes dar apenas a impressão de que realmente são criaturas humanas, quando já não são mais do que marionetes jogadas por um destino cruel. Eis por que a oração deve ser usada constantemente pelo homem.

§112 Homem, o caminho pelo qual te reaproximarás de Deus, o caminho que novamente te religará a Ele é o da tua elevação. O que espera de ti é que realizes em ti o que tens de mais elevado. Eu sou a tua exaltação, estou contigo sempre que elevares a tua inteligência, fortaleceres a tua vontade e acrisolares o teu amor. E eu jamais te abandonarei.

§113 Eu estarei em ti quando cumprires a elevação de tuas virtudes, e darei mais força à tua fé, à tua esperança e à tua

caridade. Sempre que fores virtuoso estarei ao teu lado. Mas se enfraqueceres, se errares, se cometeres faltas, eu não te abandonarei. Sei que também és fraco, que também desfaleces. Mas sei que tens em ti tudo para fortalecer os teus propósitos, aumentar as tuas boas intenções, e multiplicar os teus atos justos, prudentes, moderados e corajosos.

§114 *Não temas pedir que te ajude quando te sentes enfraquecer.*

Eu sou teu amigo, e estou sempre pronto para te auxiliar. Não violento, porém, a tua liberdade. Se não a quiseres, esperarei por ti, para que um dia te arrependas do que fazes. Mas és livre, e porque és livre, homem, só tu responderás por todos os teus atos, porque quando te perguntares ou te perguntarem pelo que fizestes, a resposta será apenas: porque assim o quis.

§ 115 *A minha promessa está em pé.* Estarei ao teu lado quando quiseres seguir o teu bem e a verdade, mas se quiseres desviar-te do bom caminho responderás pelos teus atos. Se sofreres, então, imediatamente ou tardiamente, em tua vida ou em outros, foste tu que te condenaste. Eu sou a tua salvação e fora de mim, do caminho que te indico, não há outro. Não podes negar que o sabes, porque tua razão te ilumina.

§116 *Não podes negar que tens em ti uma sede infinita do bem supremo e da suprema verdade.* Esta sede é o teu mais elevado anelo. Não penses que seja vão esse teu desejo, porque ele não vem da tua carne. A tua carne se sacia, mas o teu espírito está sempre desperto para o mais

alto. Tua mente não se reduz à matéria bruta, porque a matéria não é capaz de receber os contrários, já que um expulsa o outro, nem é capaz de alcançar o universal, porque só recebe a marca que singulariza.

§117 Tua mente é capaz de pensar simultaneamente nos contrários e receber o universal, porque tua mente não é matéria bruta, mas espírito. Tens em ti um princípio espiritual que não é corpóreo, nem material, mas imaterial e criador. Por isso teus sentidos se embotam ante uma sensação mais forte, mas tua mente se aguça ante uma verdade mais alta. Tu és corpo, mas a tua alma é espiritual.

§118 Para que salves a tua alma, para que a ergas cada vez mais alto, tens que ascender também ao mais alto. Eu sou o caminho. É seguindo-me que te salvarás. Porque, então, terás atingido o ponto mais elevado, e poderás receber cada vez mais o que está acima de ti e ultrapassar os limites da tua natureza, que é a bem-aventurança. Eu te prometo a salvação. E para ela de início, é mister a fé.

§119 É mister a fé, porque não debes temer. E é mister ainda a esperança, porque precisas aceitar valores mais altos, e também a caridade, porque debes amar o bem de teus irmãos. E aquele dentre vós que ainda não tem a fé, nem esperança, nem caridade, que não se julgue perdido. Eleve-se como homem, eleve-se ao mais alto que o homem pode realizar, e subitamente terá o lampejo da fé, a força da esperança, o ânimo da caridade. Há uma promessa, há uma promessa que nos é feita e ela irá se

realizar: façamos o bem, cumpramos o nosso dever e a fé um dia iluminará as nossas almas, a esperança há de nos animar e a caridade há de cada vez tornar mais puro o nosso amor.

§ 120 *Desse modo, a pouco e pouco, vos religareis a Deus. Esta é a vossa religião, porque ela está em vós.* Eu vim para despertá-la, e salvar-vos em vós mesmos. E como nada peço senão aquilo que podeis fazer, não dizeis que a minha cruz é demasiadamente pesada. E à proporção que vos erguerdes em direção ao mais alto, cada vez estarei mais em vós. E o que hoje é silêncio em vós se tornará amanhã um clarim que vos despertará para todas as grandezas.

§ 121 *Homem, eu falei efálo ao homem que está em ti, e nada mais.* Crê no Deus dadivoso, vosso pai. E à proporção que te ergueres, compreenderás que ele te dará a água que saciará a tua sede de verdade e o alimento que saciará a tua fome de bem. Assim, prometes a mim que singrarás este caminho, ou pela voz de teus pais ou pela tua voz. É a promessa que me fazes de te integrares no meu caminho.

§122 *É o teu batismo. Teu pecado surge da tua capacidade de dizer não, e de tua inteligência desfalecer, e de tua vontade errar; por isso erraste em tua espécie e desobedeceste às normas que te foram dadas e que são da tua natureza.* Mas esse teu pecado não é tão grave, porque provinha da tua fraqueza e da tua concupiscência, e não poderia perder-te para sempre, já que dele não havia malícia.

Este é o problema do pecado original que no homem surge da desobediência, que é uma conseqüência da sua ignorância, da sua concupiscência, mas não da malícia.

§123 *Por essa razão, desde cedo, podes ser perdoado dele, já que prometes seguir-me e buscar o teu bem verdadeiro.* Em tuas cerimônias, em teus rituais, buscas expressar, por teus meios, o que compreendeste de mim. Recebe-o, portanto, como piedosas intenções. Quero que te lembres que não vim para separar, mas para unir. Não vim para falar a uma parte dos homens, mas a todos.

§ 124 *O que é essencial na tua religião, porque é tua, já que se funda em tua natureza, e que recebe o meu nome, é tudo quanto te disse até aqui.* O que há depois é o que decorre da compreensão desses princípios. Muitos que os seguem esperaram, cortaram, seccionaram os grupos humanos, formaram seitas, criaram obstáculos uns aos outros, levantaram montanhas, abriram abismos, fomentaram ódios e pouco amor. Homem que me ouves, peço-te agora apenas que atentes para estas minhas últimas palavras: eu não vim para separar, mas para unir. Para mim não há fronteiras, nem raças, nem castas, nem classes. Para mim há meu irmão, o homem, o meu amigo, o homem, porque vim para abrir o caminho do retorno. Deves meditar com todas tuas forças sobre o meu cristianismo, que é o teu, que é o caminho de ti mesmo, através de ti mesmo para Deus.

§ 125 *Este caminho sou eu, por isso eu tomei a forma humana, para que a religião fosse humana e se realizasse através do homem.* Não vos prometi uma salvação que fosse

apenas uma dádiva, mas um direito que adquiristes pelo cumprimento dos vossos deveres. Não procurei em vós o que separa, porque os irmãos que separam deixam de ser irmãos, como o homem em sua essência é um só, minha religião, que é a vossa, é uma só.

§ 126 *Os que separam em meu nome não falaram em meu nome. Não foram os meus verdadeiros arautos. Os que pregaram ódios, criando abismos entre os nossos irmãos, que seguem outros caminhos, e pregaram em meu nome, fãsearam a minha vontade, e não me representaram. A minha linguagem é a vossa linguagem, é a linguagem humana. E onde houver homens, essa linguagem pode ser entendida. Podem outros ter outras normas de proceder, mas todos entenderão essa linguagem.*

§ 127 *Se falares aos homens como eu vos falei, todos me entenderão, porque a minha religião é a religião do homem. O que separa os homens religiosos e justos não é o que é essencial na religião, mas o que é meramente acidental e transeunte. A verdadeira religião é eterna na vossa duração, que embora passageira ultrapassará o tempo, porque há em vós algo que está além do tempo. Eu vim para unir a todos num só rebanho.*

§ 128 *Eu quero ser o bom pastor que reúne, que não dispersa. Os que dispersaram fizeram-no contra mim, e não por mim, porque o rebanho que prego é o homem na sua grandeza, que é o ser em mim e por mim. Não deveis temer este grandioso que podeis realizar. Peço-vos, afi-*

nal, que mediteis bem sobre estas minhas últimas palavras. E a minha voz em ti.

Antes de prosseguir temos necessidade de comentar todas estas palavras. Foram muitas, sobre as quais não quisemos interrompê-las com comentários, porque desejaríamos que fossem lidos sem qualquer interrupção que pudesse quebrar a ordem dos pensamentos. Mas o que nenhum cristão de boa fé tem de deixar de reconhecer, é que os cristãos falharam na missão que lhes foi dada, e falharam porque não souberam unir, falharam porque dispersaram, falharam porque seccionaram, falharam porque afastaram irmãos uns dos outros, falharam porque não realizaram o verdadeiro sentido do cristianismo, que se dá sempre na ecclésia, na assembléia, na reunião, na conjunção, no apoio mútuo, no auxiliar um ao outro, na presença de um e apoio de outro. Só nestas relações é que Cristo está presente, este é o cristianismo. O homem só se aproxima de Deus à proporção que o homem ergue-se a si mesmo, à proporção que o homem ultrapassa os limites da sua pequenez. Nós não nos aproximamos de Deus apenas porque nele pensamos ou porque para ele dirigimos o nosso pensamento, nós nos aproximamos de Deus quando realizamos o superior dentro de nós e também nas nossas obras. Outra e qualquer explanação do cristianismo, que não seja esta, falseia, é a religião do fariseu. O fariseu julgava que bastava erguer o seu pensamento a Deus para que ele de Deus se aproximasse. Não, nós não nos aproximamos de Deus apenas pelo pensamento, nós nos aproximamos pelo pensamento quando ele é lastreado pelas nossas obras. Há

necessidade das obras, há necessidade da elevação do homem dentro de si mesmo, em todas as suas ações, para que o seu pensamento possa dirigir-se a Deus. Seria como alguém que desejasse conhecer uma ciência, digamos a biologia, e julgasse que para conhecê-la bastaria pensar nela. Não, é necessário que percorra todos os estágios do conhecimento para obtê-la, e assim são todas as conquistas do homem. E Deus é uma conquista que nos é oferecida, nós dele nos afastamos e desejamos retornar a ele, e se queremos retornar temos que fazer o que nos pede fazer. É este o sentido dessas palavras todas que tivemos oportunidade de ler. E a lição, é a voz de Cristo, é como se fosse *um novo* evangelho, que não se opõe ao que os evangelhos já disseram, mas que completa numa linguagem mais nossa, mais atual, a nossa verdade.

Agora, por que dividiram tanto os cristãos? Se vamos examinar a história, veremos que estas divisões partiram de razões fáceis de compreender: ignorância, anseio de prestígio pessoal, concupiscência, malícia, fraqueza, em suma, os pecados fundamentais. Todos eles produtos de um afastamento do que há de maior dentro de nós. Aquele que queria se esplender como chefe funda uma seita porque nela ele poderá ser todo poderoso. Não quer submeter-se, não quer compreender a subordinação que muitas vezes é exigida na vida. Outro por ignorância, porque não se dedica melhor ao estudo, precipita-se em interpretações que estão além das suas forças. Então, quer ver na palavra de Cristo outras intenções, por ele julgadas mais certas, assim, afasta-se. Outros a concupiscência lhes

faz desejar outras maneiras de ser cristão, nas quais possam dar plena vazão aos seus desejos incontidos, estas são paixões descontroladas. Finalmente, outros movidos pela malícia, movidos pelo espírito do mal, desejam cindir, porque cindindo enfraquecem, desejam separar os cristãos, porque então, deste modo será mais fácil combatê-los; estes, os mais manhosos, os mais perigosos, os mais astutos, são os que usam dos métodos mais sutis, dos argumentos mais habilmente manejados, e por isso são os que têm obtido maior êxito. A estes precisamos denunciá-los, e fazê-lo com coragem; e a história está cheia deles, em toda parte e em todos os tempos, e sua ação maléfica continua atuando ainda hoje. Há necessidade de uma profunda revisão dos nossos costumes cristãos, da nossa vida cristã, mas é difícil fazê-lo dentro das seitas organizadas, porque estas seitas fecham-se, elas não querem ouvir, nem ver aquilo que não corresponde ao que aceitam como a última verdade. Elas não querem admitir nenhuma restrição ao seu modo de ser e ao seu modo de pensar, repelem todo aquele cristão que pensa em unir, que pensa em abrir uma visão nova de simpatia e de humanidade para os outros. Então, alguém vai para o meio deles e diz: devemos compreender melhor os nossos irmãos separados, devemos nos aproximar deles, devemos afastar estes aspectos accidentais que têm sido a causa das nossas diferenças e das nossas divisões, devemos procurar a verdadeira palavra de Cristo, porque esta une. Não é possível que Cristo seja um princípio de desunião, não é possível que Cristo seja a causa eficiente

das divisões cristãs, estas só podem ser devidas à fraqueza humana. Então, se nós procurarmos a palavra de Cristo, genuinamente a palavra de Cristo, aquela que está expressa nos evangelhos sem rebuços, sem segundas intenções, sem usar recursos estéticos, esta palavra só terá o poder de unir. Há o malicioso, há o ignorante de prestígio, há o ignorante de má fé e esta palavra não conseguirá aproximá-los uns dos outros. Esta é a nossa grande e profunda decepção, esta é a decepção que sofrem os cristãos de todo mundo, esta é a decepção que tem provocado as maiores defecções dentro do cristianismo e que tem engrossado as fileiras daqueles que o *combatem*. E quais são *os* maiores fatores de tudo isso? Os evangelhos? A palavra de Cristo? Não, mas a palavra daqueles que se julgam os seus mais perfeitos discípulos, daqueles que se julgam os seus oráculos, daqueles que se proclamam os seus verdadeiros sacerdotes. Estes são os que afastam, estes são os que dividem, e até entre eles se dividem, e até entre eles se seccionam, e até eles mais se odeiam do que se amam. O primeiro ato cristão que se exige é do homem despojar-se de toda a soberba e de todo o orgulho; é o ato de humildade, de verdadeira humildade, porque ser cristão é sobretudo ser humilde. Saber ser humilde. Mas a humildade não é humilhação, humildade não é desmerecimento, humildade é a verdadeira avaliação do que se é, da sua própria dignidade, e também da justa avaliação da dignidade alheia. Cristãos, em primeiro lugar, respeitai-vos uns aos outros, amai-vos uns aos outros.

E agora continuemos ouvindo a palavra.

§ 129 *O que vos tem separado não são as vossas semelhanças mas as vossas diferenças. É inútil querer tornar iguais todos os homens, como se fossem um homem só. O que vos separa não é o essencial, mas o acidental. Eu sou a vossa semelhança, e verdadeiramente em mini todos poderão encontrar-se.*

§130 *Não neguem teu irmão porque ele é diferente de ti, se em mim também tem ele o seu ponto de encontro. Se não guarda os mesmos dias e não usa os mesmos ritos que os teus, mas se encontra em mim contigo, ele é semelhante a ti, é teu próximo e teu amigo e é teu irmão. Não encontraremos o ponto de encontro das espécies se as quisermos reduzir a uma espécie só.*

§ 131 *Aí espécies têm o seu ponto de encontro no gênero, no que há de comum em todos vós que vos unireis. É no Entendimento, na Vontade e no Amor que estais todos prontos a vos encontrardes. E não esqueceis nunca que eu sou a presença do Entendimento, o testemunho da Vontade do Pai, a afirmação do Espírito Santo do Amor.*

§ 132 *Se falares esta linguagem a um irmão de outra seita e eJe não sentir vibrar seu coração em uníssono contigo, ora por ele, porque está afastado de mim. Não basta ter o meu nome nas suas bocas, é mister que esteja em seus atos e em suas intenções. A religião à qual destes o meu nome é a religião do homem, e não de uma parte dos homens. Um cristianismo assim não pode gerar seitas.*

§133 *Compreende, meu amigo, que não construirás a tua vida melhor se tua mão não servir para apertar a mão de teu irmão, e para ampará-lo, como ele deve amparar-te também.* Enquanto vós todos não compreenderdes que sois partes de um todo só, e que o bem que fizerdes deve dele também participar o vosso irmão, porque o mal que fazeis também se expandirá, não estarei ainda entre vós. Amai-vos uns aos outros quer dizer também ajudai-vos uns aos outros. A religião pertence à ação de vossa vida.

§ 134 *E nessa ação deveis lembrar-vos sempre que há algo em comum que deveis respeitar em comum.* Praticais bons exemplos, para que me encontreis em vosso irmão. Não vos peço que sejais benevolente demais mas, sobretudo, justos. Exigi as obrigações de cada um, mas não esqueçais nunca de seus direitos. E estes devem ser proporcionados àqueles, e nunca maiores nem menores.

§135 *Em mim todos podem encontrar o seu ponto de convergência, porque eu sou o ápice da pirâmide.* O meu caminho é o do homem concreto em sua total realidade, com suas misérias e suas grandezas. Só por este caminho haverá homens de boa vontade. E só, então, reinará a paz entre os homens, porque a paz só poderá reinar entre homens de boa vontade. Antes deles surgirem é inútil falar em paz. Não é a paz que gera os homens de boa vontade, mas os homens de boa vontade que gerarão a paz; e boa vontade é a vontade assistida pela inteligência que é prudente, que é moderada, que é justa e que é corajosa. A boa vontade é a que é alimentada

pela fé e pela esperança, fortalecida pela caridade. É possível ao homem elevar-se em intensidade e amplitude. Portanto, irmãos, o que vos peço é que para serdes e estardes em mim, é mister que sejais como eu; e eu sou a grandeza do homem ao marchar para Deus, e ele marcha para Deus à proporção que me realiza e se realiza, e me realiza e se realiza à proporção que se ergue no que é constitutivo da sua humanidade. Eu sou a voz de Deus na Humanidade, vós sois os itinerantes do caminho de Cristo para Deus. Vinde até mim, irmãos de todos os países e de todos os tempos. Eu sou a consciência humana amparada e iluminada por suas forças a caminho de Deus. Vinde, irmãos. O pai vos espera de braços abertos, porque Ele é o vosso pai.